

**FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO DO RIO
GRANDE DO NORTE - FARN
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JOSÉ BASTOS DA SILVA NETO

**BULLING E ATIVIDADE FÍSICA: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO
ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL
PROFESSOR ULISSES DE GOIS – NATAL/RN**

**NATAL
2010**

JOSÉ BASTOS DA SILVA NETO

**BULLING E ATIVIDADE FÍSICA: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO ESCOLAR DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR ULISSES DE
GOIS – NATAL/RN**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Educação Física da
FARN como requisito para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física,
sob a orientação do Professor Mestre
Luciano Alonso Valente dos Santos

**NATAL
2010**

JOSÉ BASTOS DA SILVA NETO

**BULLING E ATIVIDADE FÍSICA: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO ESCOLAR DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR ULISSES DE
GOIS – NATAL/RN**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Ms. Luciano Alonso Valente dos Santos (Orientador)
Faculdades Natalense para o Desenvolvimento do RN - FARN

Dr. Marcílio de Souza Vieira (Membro Interno)
Faculdades Natalense para o Desenvolvimento do RN - FARN

Dr. José Nicolau de Souza (Membro Interno)
Faculdades Natalense para o Desenvolvimento do RN - FARN

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS mestre e senhor de todas as obras;

Aos meus pais pelo incentivo;

Aos professores pela construção do saber;

A minha esposa e filha pela compreensão e companheirismo.

RESUMO

O Bullying caracteriza-se pela violência física, moral ou psicológica praticada por uma ou mais pessoas por causas multivariadas. Para tanto, além de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema foi coletada uma amostra através de um questionário com 110 (cento e dez) alunos do 6º e do 9º ano na faixa etária entre 10 e 18 anos de idade. Foi observado a existência do fenômeno na escola freqüentada (cerca de 75%, entre as meninas e 25% entre os meninos) pelos alunos pesquisados. Acredita-se que a escola por meio de suas disciplinas e em especial a prática de Educação Física servirá como meio para minimizar movimentos de violência visando à formação de cidadãos mais tolerantes as diversidades peculiares da modernidade.

Palavras-Chave: Escola. Bullying. Educação Física.

ABSTRACT

The Bullying is characterized by physical, moral or psychological practiced by one or more persons by multivariate causes. For that, beyond a literature on the subject a sample was collected through a questionnaire with 110 (sit and ten) students from 6th and 9th year in the age group between 10 and 18 years of age. We observed the existence of the phenomenon of school (about 75%, among girls and among boys 25%) surveyed by the students. It is believed that the school through their disciplines and in particular the practice of Physical Education will serve as a means to minimize movements of violence aimed at training citizens more tolerant of diversity peculiar modernity.

Keywords: School. Bullying. Physical Education.

SUMARIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
1.1	PROBLEMA.....	09
1.2	JUSTIFICATIVA.....	09
1.3	OBJETIVOS.....	11
1.3.1	OBJETIVO GERAL.....	11
1.3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
1.4	METODOLOGIA.....	12
1.4.1	TIPOS DE PESQUISA.....	12
1.4.2	ÁREA DE ABRANGÊNCIA.....	12
1.4.3	COLETA DE DADOS.....	12
1.4.4	TRATAMENTO DE DADOS.....	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	CONCEITUANDO BULLYING.....	14
2.1.1	CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING.....	16
2.2	ESCOLA PÚBLICA BULLYING E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	18
3	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	24
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS.....	48
	ANEXOS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a violência tem atingido todos os setores da sociedade, e a escola não tem escapado da violência. Cada vez mais somos levados a pensar no sentido da violência, mas, nem sempre são bons motivos e menos ainda motivos justos. Mesmo assim, tais motivos são usados para justificar atos violentos gerados pela raiva contra o outro (FANTE, 2005).

O problema da violência apresenta-se cada vez mais crescente nas sociedades e temos atualmente altos índices ocorrendo também nas escolas entre crianças e adolescentes. Isso tem gerado a preocupação de pais, professores e estudiosos que sentiram a necessidade de buscar uma compreensão maior de tal violência em espaços escolares e também de encontrar denominação para tal fenômeno (SILVA, 2010).

Nos últimos anos, estudiosos identificaram a ocorrência de um fenômeno denominado *bullying*, de origem inglesa e que se refere a uma forma específica de violência. O *bullying* apesar de ser um fenômeno antigo (tanto quanto a escola) só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 1970 e no Brasil as pesquisas e a atenção voltadas para o tema ainda se dão de forma incipiente (SILVA, 2010).

Um subtipo da violência física ou moral, o *bullying* escolar, vem tomando proporções desastrosas de modo silencioso ou explícito acarretando danos morais, psicológicos, financeiros, físicos e sociais aos envolvidos direta e indiretamente, como por exemplo, professores, alunos e demais profissionais da escola e da Educação Básica (PEREIRA, 2002).

Convém ressaltar que na violência sempre há o uso da força ou poder físico para causar dano ao outro, bem como danos psicológicos e/ou a perda ou danos de propriedade física; dessa forma, tem-se a definição de agressão.

Martins (2005, p.65) assevera que: “No fenômeno *bullying* há a incidência destes dois comportamentos podendo estes ocorrerem em conjunto ou separadamente”.

De acordo com Chalita (2008, p.46):

No contexto do fenômeno *bullying*, os alunos podem assumir papéis de vítimas, agressores e/ou testemunhas entre eles e/ou nas relações com os professores. Estes por possivelmente não possuírem habilidades emocionais, mesmo que momentaneamente, para solucionar ou prevenir conflitos entre alunos tornam-se influenciadores no comportamento dos estudantes podendo repercutir tais atitudes aos demais alunos e/ou tornarem-se vítimas das agressões físicas e/ou verbais do professor.

O fato é que o bullying precisa ser analisado e combatido, mas, não com violência, precisamos no âmbito escolar primeiramente compreender como perceber e a posteriori como tratar o fenômeno bullying na escola, o qual vem crescendo de forma assustadora na atualidade.

De acordo com Silva (2010, p.59):

Em vez de criarmos valores totalmente diversificados e radicais, seria mais interessante realizarmos uma profunda e pragmática reflexão, a fim de estruturarmos um modelo educativo que busque, ainda no passado, o que o sistema de ensino propiciou de melhor e de mais eficiente, abandonando os métodos arcaicos e de resposta pouco positivas.

De acordo com Fante (2005, p.39), O *bullying* pode assemelhar-se a brincadeiras próprias da idade em que todos os participantes se divertem, mas diferem-se destas por serem atitudes contínuas que servem para ridicularizar alguém ou um grupo.

Na escola o bullying tornou-se uma prática comum e tem sido tratado como um conjunto de comportamentos agressivos e/ou violentos no ambiente escolar que ocorre de modo velado, desigual e contínuo por um período de tempo sem motivação evidente provocando sofrimento e angústia as vítimas (LOPES NETO, 2003).

No ambiente escolar as aulas de Educação Física são importantes na prevenção e identificação do fenômeno *bullying* devido ao seu caráter dinâmico e “livre”, da proximidade com o professor, do espaço físico amplo e da utilização do corpo que permite mais facilmente as manifestações de agressões verbais e físicas podendo estimular ou combater o fenômeno citado (SANTOS, 2003).

Por isso queremos aqui enfocar o que a Educação Física pode fazer dentro de sua práxis para observar o fenômeno do bullying na Escola Municipal Professor Ulisses de Góis, na cidade de Natal-RN.

A seguir apresentaremos a problemática do presente estudo.

1.1 PROBLEMA

A motivação para este estudo surgiu da necessidade prática (por trabalhar na Escola, foco do presente estudo) de contribuir e orientar professores de educação física na reflexão sobre suas atitudes no ambiente escolar e principalmente para com seus alunos.

Aos alunos, por assumirem papéis diversos no contexto do fenômeno, sua importância se dá devido ao auxílio e proteção *antibullying* por parte de toda a sociedade escolar para promover seu desenvolvimento psicológico, social, afetivo, físico, moral, criativo, dentre outros.

Diante do quadro apresentado levanta-se o seguinte questionamento: quais são os motivos e características do bullying nos alunos da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis nas séries iniciais e finais do ensino fundamental, da cidade do Natal-RN?

1.2 JUSTIFICATIVA

Na atual conjuntura, vivemos em um modelo de sociedade no qual os interesses são complexos diante dos avanços e necessidades que surgem cotidianamente numa velocidade impressionante. Nesse sentido, uma minoria detentora de capital e recursos, consegue usufruir de parcela significativa dos bens e materiais que são produzidos pela humanidade, além de criar mecanismos para assegurar tais benefícios.

A realidade que presenciamos nas escolas, é impregnada de diversas formas de violência, às vezes oculta, onde os alunos passam por situações de

“humilhação, gozações, ameaças, imputação de apelidos constrangedores, chantagens, intimidações” (FANTE, 2005, p. 16).

Quando isso ocorre, na maioria dos casos, os alunos, vítimas do *Bullying* ficam em silêncio, por se sentirem envergonhados ou com medo de novos ataques, por parte dos agressores.

A partir de todo esse contexto, relatado até aqui, é preciso ainda reiterar a interferência drástica que o *Bullying* produz no processo de aprendizagem e de socialização de nossas crianças e jovens mesmo após a interrupção. Percebe-se a grande importância das escolas e da sociedade, tomar algumas medidas e buscarem algumas soluções que sejam capazes de combater ou ao menos prevenir o *Bullying*.

Baseado em alguns autores tais como Fante (2005), a escola deve:

- Incentivar a solidariedade, a generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas, campanhas de incentivo à paz e à tolerância, trabalhos didáticos, como atividades de cooperação e interpretação de diferentes papéis em um conflito;
- Desenvolver em sala de aula um ambiente favorável à comunicação entre alunos.
- Quando um estudante reclamar de algo ou denunciar o *Bullying*, procurar imediatamente a direção da escola.

Diante desse panorama em que as desigualdades sociais ficam evidentes, assolam-se situações em que os conflitos, a não tolerância ao outro e a ausência de diálogo ganham força, justificando e potencializando situações que são tidas como violentas.

As instituições devem oportunizar aos educandos o acesso a essas informações, para que eles possam refletir e conhecer o fenômeno *Bullying*, bem como as terríveis consequências resultantes desse tipo de violência. Ao adquirirem conhecimento sobre as atitudes que desenvolvem o “comportamento *bullying*” e o que pode se fazer para evitá-lo, e transformar a escola, num lugar pacífico, estimulando o bom relacionamento.

Para Santos (2003, p.45):

As situações de violência se caracterizam pelo excesso de poder nas relações sociais, e que impedem por consequência, o reconhecimento do outro, mediante o uso da força ou coerção. Estas, por sua vez, podem ocorrer em nível macro ou em nível micro, respectivamente o Estado e dentro de diferentes grupos sociais.

Em âmbito escolar, são diversas as manifestações de violência: algumas são direcionadas a professores e a funcionários; outras, aos alunos. No entanto, há uma forma de violência, normalmente velada, que ocorre geralmente entre os próprios alunos como, por exemplo, os apelidos pejorativos constantes, as brincadeiras agressivas, dentre outras.

Com o intuito de analisar se a violência observada dentro da escola pesquisada é decorrente das consequências do Bullying, realizou-se uma pesquisa com os alunos do 6º e do 9º ano da EMPUG, buscando analisar a ocorrência desse fato, pois compreendendo a realidade passada pelos alunos em relação ao bullying poderemos ter a noção de como combater no âmbito escolar esse preconceito que assola as escolas nos dias atuais.

Assim sendo a pesquisa se justifica pela carência de tal compreensão entre os professores e entre os escolares, bem como pela falta de um trabalho multidisciplinar sobre o tema e a escassa bibliografia sobre o bullying.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar e identificar a existência de bullying nas aulas de Educação Física escolar na Escola Municipal Ulisses de Góis (EMPUG), localizada na cidade do Natal-RN.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender o que vem a ser bullying;
- Verificar a existência de bullying na Escola Municipal Ulisses de Góis;

1.4 METODOLOGIA

1.4.1 TIPO DE PESQUISA

- O presente estudo teve caráter descritivo e exploratório.

1.4.2 Área de Abrangência

A população alvo desse estudo foram alunos de 6º e 9º ano da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis, no município de Natal-RN.

A Pesquisa teve caráter não probabilístico e foi realizada nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental II, por compreender a faixa etária de 10 a 18 anos que inicia a adolescência e que para Gallahue (1998), compreende as manifestações agressivas que ocorrem mais facilmente em virtude das transformações maturacionais desta fase de crescimento.

1.4.3 Coleta de Dados

A presente pesquisa foi realizada com 110 alunos da Escola Municipal Professor Ulisses Góis, localizada no município de Natal-RN. Dentre eles 58 alunos são do sexo masculino e 52 são do sexo feminino.

O questionário instrumento de pesquisa deste estudo foi baseado na EVP (Escala de Violência Psicológica). Essa escala de violência psicológica é instrumento unidimensional que avalia experiências vividas pelo jovem, ocorridas durante o período da infância ou da adolescência, onde uma pessoa significativa denegriu suas qualidades, capacidades, desejos e emoções, além de cobrá-lo excessivamente. A escala é constituída por 18 itens fechados, com cinco opções de respostas: *nunca*, *raramente*, *às vezes*, *quase sempre* e *sempre* (BRASIL, 2005).

A análise dos resultados foi obtida por meio de dados coletados junto aos alunos do 6º e 9º ano da EMPUG, localizada em Natal-RN. Esses dados foram coletados através de questionários com 17 questões fechadas, buscando analisar se o bullying é uma realidade na escola em questão.

1.4.4 Tratamento dos dados

Contudo, a liberdade para analisar as variáveis conforme demonstra o autor acima, pode levar o pesquisador a se distanciar demais dos objetivos propostos. Desta forma, a análise se restringe a discutir os elementos apresentados na abordagem da análise dos dados coletados através das observações dos questionamentos verbais e os questionários com questões fechadas, respondidas pelos alunos da Escola Municipal Professor Ulisses Góis-Natal/RN

A análise teve como objetivo resumir os dados coletados de forma a possibilitar o fornecimento de respostas ao referido objeto investigado nesse estudo.

Depois de coletar os dados através dos questionários e observações, esses dados foram analisados, separados por sexo e por ano de estudo dos respondentes. Em seguida foi feito cálculos transformando os números de respostas em porcentagem. Esses dados foram colocados no Excell, e transformados em gráficos, os quais foram analisados e debatidos, no capítulo 3 deste estudo.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITUANDO *BULLYING*

Um aspecto polêmico da conceituação do *bullying* se refere à afirmação comum de que essa forma de comportamento agressivo é realizada “sem causa ou motivo aparente”. Ainda que se possa compreender ou supor o sentido dessa expressão, a adequação de seu uso é questionável, pois todo agressor acredita piamente ter razões ou causas suficientes para aquilo que faz. São, sem dúvida, razões preconceituosas, entretanto, não se pode subestimar seu forte poder de motivar o comportamento violento (SILVA, 2010)

De acordo com Silva (2010, p.78):

Bullying é como um conjunto de vários comportamentos agressivos ou de intimidação que apresentam um vasto leque de características comuns, entre as quais são identificadas por estratégias de intimidação do outro, resultando de várias práticas violentas e agressivas, quer por um indivíduo ou quer por pequenos grupos.

Bullying são todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, provocadas por um ou mais pessoas contra a outra, numa relação desigual de poder, sobre a mesma vítima, que geralmente está em desvantagem na situação cuja finalidade é provocar dor, angústia e sofrimento (SILVA, 2010).

Um aspecto polêmico da conceituação do *bullying* se refere à afirmação comum de que essa forma de comportamento agressivo é realizada “sem causa ou motivo aparente”. Ainda que se possa compreender ou supor o sentido dessa expressão, a adequação de seu uso é questionável, pois todo agressor acredita piamente ter razões ou causas suficientes para aquilo que faz. São, sem dúvida, razões preconceituosas, entretanto, não se pode subestimar seu forte poder de motivar o comportamento violento (OLWEUS, 1999).

O conceito de *bullying* foi desenvolvido por Dan Olweus, na Universidade de Bergen, na Noruega, e por Peter Smith, na Universidade de Sheffield, na

Inglaterra. Atualmente, constitui um instrumento teórico fundamental nos estudos sobre comportamentos agressivos, sobretudo no contexto escolar (OLWEUS, 1999)

A primeira designação deste fenômeno surge inicialmente na literatura científico internacional identificado como “mobbing”, na Noruega e Dinamarca, ou “mobbing” na Suécia e Finlândia (OLWEUS, 1999).

Na Itália foi utilizado o termo “prepotência” (FONZI, 1999) e na Espanha “importunar” e “maus tratos” (ORTEGA E MERCHAN, 1999).

Na língua portuguesa, um conceito que identifique, simultaneamente, os atributos de personalidade do sujeito responsável pelos incidentes agressivos e pela violência e as características dos comportamentos que esses mesmos sujeitos assumem.

Conforme referem Smith e Sharp (1994, p.2), o *bullying* pode ser descrito “como o abuso sistemático do poder”. É uma forma do comportamento agressivo, entre pares, maldosa, deliberada e com frequência persistente, podendo durar semanas, meses ou anos, sendo difícil às vítimas defenderem-se.

Olweus (1993, p.25) considera uma situação de *bullying* quando “um aluno é agredido ou se converte em vítima e está exposto, de uma forma repetitiva e durante algum tempo, a ações negativas efetuadas por um ou mais alunos”. Termos como agressão e violência estão fortemente ligados a este tipo de comportamento comenta.

As atitudes mais frequentes de quem pratica o *bullying* são: agredir, ameaçar, assediar, apelidar, bater ou chutar, ignorar, discriminar, dominar, humilhar, intimidar, perseguir, provocar e roubar (OLWEUS, 1993).

Antunes e Zuin (2008) alertam para o fato de que o conceito de *bullying*, tal como utilizado na maioria dos estudos baseados tão-somente em dados estatísticos e no diagnóstico de sua ocorrência, faz parte de uma ciência instrumentalizada e a serviço da adaptação das pessoas para a manutenção de uma ordem social desigual.

Pereira (2002, p.17) considera o *bullying* parte de “uma vontade consistente e desejo de magoar ou amedrontar alguém quer física, verbal ou psicologicamente”.

Ainda segundo o mesmo autor, “a agressividade aparece associada à idéia de esforço pessoal ou coletivo para se superar a si próprio ou aos outros; tem uma conotação positiva de luta e empenhamento pessoal sem que exista abuso de

poder. O termo violência surge associado à marginalidade, quando ocorrem situações esporádicas de transgressão às normas ou associado à criminalidade, quando essas mesmas situações ocorrem com mais frequência” (PEREIRA, 2002, p 15).

No conceito de *bullying* não estão contempladas situações que possam ser consideradas como formas naturais de agressividade, que se manifestam nos jogos, nas brincadeiras, nas brigas, nas lutas para “tirar teimas” sobre quem é o mais forte, nas respostas agressivas aos encontros ou a outros toques involuntários, pois nestas situações não existe a intencionalidade de magoar ou causar danos. (OLWEUS, 1999).

Segundo Olweus (1999), o fenômeno do *bullying* é caracterizado por três critérios:

- 1) é um comportamento agressivo ou um “fazer mal” intencional;
- 2) é conduzido repetidamente ao longo dos tempos;
- 3) é um desequilíbrio de poder num relacionamento interpessoal.

2.1.1 CONSEQÜÊNCIAS DO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

A manifestação de comportamentos agressivos, de caráter persistente, causa mal-estar para as próprias crianças, quer sejam vítimas, agressoras ou quer sobre as que observam passivamente estas práticas (PEREIRA, 2002).

O *bullying* é um fenômeno que abrange, não só os alunos diretamente envolvidos, como também todos os outros, pois este fenômeno causa na escola um ambiente de trabalho pouco agradável e seguro, afetando todos os alunos em geral (PIRES, 2001).

As crianças que presenciam uma situação de agressão/vitimação também sofrem, pois sabem da injustiça que está a ser cometida e sentem-se de “mãos atadas”, impotentes para ajudar a vítima, acabando muitas vezes por terem de tomar partido entre uns e outros (PEREIRA, 1999).

Para Smith e Sharp (1994), o *bullying* severo e contínuo pode contribuir para problemas de longa duração, bem como de infelicidade imediata. As vítimas

vivem numa angústia permanente, o que resulta na diminuição da autoestima, com efeitos prolongados.

Perante o *bullying*, as vítimas temem a escola, pois veem-na como um local desagradável e inseguro. Nalguns casos receiam mesmo sair de casa. Estas crianças pensam ser as causadoras dos problemas de agressão e acabam por ter sintomas relacionados com o *stress*, tais como, dores de estômago, dores de cabeça, pesadelos, ataques de ansiedade e problemas de concentração e aprendizagem (SHARP e SMITH, 1994).

Olweus (1993) refere que a frequência em ser vítima decresce com a idade. No entanto, o carácter persistente e intencional dos comportamentos agressivos, causadores de perturbações diárias e prejudiciais ao rendimento escolar da vítima, podem também estar associados à consequências que decorrerão ao longo da sua vida, como é o caso da depressão em idade adulta.

As vítimas transformam-se em adultos inseguros, com uma autoestima mais pobre e uma tendência maior para entrar em estados depressivos. Algumas vítimas acabam no suicídio, enquanto outras se tornam, elas próprias, em pessoas violentas. Os agressores, através das relações muito específicas que mantêm e aprendem, como a faltas de respeito pelas regras e normas de convivência social acabam por entrar numa vida de pré-delinquência, envolvendo-se mais tarde em problemas de conduta, como a droga, alcoolismo, crimes, terminando muitas vezes na cadeia (MARQUES, 2001).

Perante a agressão persistente, a vítima sente-se cada vez mais só, perde amizades, torna-se incapaz de lidar com a sua própria vida. Estes sentimentos são característicos das pessoas que desistem da vida a qualquer momento. O abandono escolar é um dos reflexos deste tipo de comportamentos. O que parece ser apenas um jogo de crianças tem um potencial de consequências muito maiores (HAZLER, 1996).

As consequências que advêm dos atos de agressão/vitimação não permitem que se encare o problema com indiferença. A continuidade e o agravamento deste tipo de comportamentos têm resultados negativos e alguns casos dramáticos, que marcarão o indivíduo para sempre, acabando por influenciar todas as suas atitudes e decisões tomadas ao longo da sua vida (SHARP e SMITH, 1994).

O bullying assume proporções funestas no âmbito escolar. Quando crianças/adolescentes sofrem com esse abuso na escola. Eles tendem a afastar da escola e para eles nada mais vale à pena. Então a detecção do bullying e o seu combate inicialmente na escola pode ser que faça a evasão escolar diminuir. Já que muitos que sofrem esse tipo de fenômeno tendem a abandonar a escola, pois é lá que esses casos podem se repetir (PEREIRA, 2002).

Por isso a seguir vamos colocar em foco a escola, o âmbito escolar.

2.2 A ESCOLA, O BULLYING E A EDUCAÇÃO FÍSICA

A escola facilita a prática do *bullying*, pois reproduz em seu interior os modelos de corpos padronizados pela sociedade, e aqui, ao nos referirmos aos corpos, incluímos a postura, atitudes, falas, vestimentas que o envolvem. Existem dados que demonstram que há uma grande possibilidade de meninas que sentem vergonha de seus corpos e medo de virarem “chacota” por parte da turma desenvolvem doenças como a bulimia e a anorexia¹ (WIKPÉDIA, 2010)

Este é apenas um exemplo do que a não aceitação das diferenças pode causar. Até mesmo as crianças e principalmente os adolescentes buscam estar sempre dentro do padrão estabelecido pela sociedade como o melhor. Conseqüentemente tornam aquele que não está dentro destas características alvo de exclusão e de preconceito, visto que um dos principais motivos desencadeadores do *bullying* são as diferenças, todos os que não se “encaixam” no padrão estabelecido culturalmente são vítimas potenciais da violência, e isto inclui mesmo a forma corporal, com sujeitos mais obesos ou mais fracos os alvos mais freqüentes (FANTE, 2005, p. 79).

Acreditamos que a escola traz em seu cotidiano, momentos propícios para a exclusão, para o preconceito e conseqüentemente para a prática do *bullying*.

1 Anorexia e bulimia: São distúrbios alimentares de origem psicológica e que atacam geralmente mulheres entre 15 e 35 anos, caracterizadas por perda de peso em excesso e sem causa aparente. As pessoas vítimas de bulimia e/ou anorexia, tentam esconder de todos, inclusive de seus familiares, o problema pelo qual está passando. Isso torna o tratamento mais difícil e às vezes até tardio. A pessoa que sofre de anorexia vive em dieta constante, chegando a praticar o jejum. Por achar-se gorda, deixa de ingerir uma quantia mínima necessária de calorias ao dia. E quanto mais emagrece mais gorda se acha, e menos come. (www.wikipedia.com.br)

A pesquisa de Fante (2005) nos mostra que as atitudes de *bullying* acontecem principalmente nos horários de recreio e nos momentos de entrada e saída da escola. Esses momentos são aqueles, dentro da rotina escolar em que os corpos e as diferenças são principalmente evidenciados e quando o controle exercido sobre os sujeitos diminui.

Analisando o contexto escolar sugerimos incluir nestes dados da autora o momento da Educação Física, visto que sua dinâmica se aproxima da dinâmica do recreio por seus aspectos físicos (locais abertos, sem paredes e portas, geralmente numa quadra esportiva ou num campo com gramado) e também por ser um momento escolar em que o corpo é amplamente exposto.

A Educação Física também se torna um momento viável para a prática do *bullying* por seus aspectos didáticos e pedagógicos que fazem dela um lugar no qual as crianças ficam mais tempo em contato umas com as outras. A aula de Educação Física permite os contatos corporais e facilita as trocas sociais de modo semelhante ao que ocorre na hora do recreio.

É justamente este contato corporal e estas trocas sociais na escola que facilitam as condições para a ocorrência do *bullying*, pois são nos momentos de proximidade que a “diferença” se manifesta, e essa diferença envolve tanto questões econômicas demonstradas nas vestimentas, nos acessórios, no próprio material escolar, quanto pessoais, na exposição do próprio corpo, de suas habilidades motoras e sociais (FANTE, 2005).

Entre os meninos, os próprios contatos corporais no momento de jogo e possíveis problemas quanto ao respeito às regras, o resultado de vitória ou de derrota durante a hora de recreio ou de Educação Física podem desencadear o *bullying* (FANTE, 2005).

Fante (2005), em seu estudo reconheceu que a deficiência na coordenação motora é uma das características da vítima típica do *bullying*, e é justamente neste espaço da educação física que esta inabilidade se manifesta de maneira mais acentuada.

Entre as meninas, como já vimos o *bullying* ocorre de maneira mais sutil (o que também não exclui os meninos desta prática). Podem se tornar vítimas do *bullying* as meninas que sentem vergonha em expor seu corpo ou em colocá-lo para se relacionar com o corpo do outro. Ou então, a criança pode sentir medo de não

conseguir realizar a atividade proposta na aula e ser excluída pelo grupo, ou até mesmo, ser sempre o alvo de correção pelo professor (OLIVEIRA, 2006).

Oliveira (2006), em sua dissertação de mestrado pela Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas destaca duas vítimas típicas do *bullying* nas aulas de Educação Física de 8ª série por ele observadas, um menino, com traços afeminados, que era rejeitado pelos seus colegas e uma menina, muito habilidosa, que por isto, era rejeitada pelas suas colegas, estes fatos observados pelo autor refletem a questão da cultura que espera dos homens atitudes viris e das mulheres atitudes delicadas. Isto também acontece entre as meninas, mas com menos frequência.

Enfim, são vários os fatores que podem levar algumas crianças a serem vítimas de *bullying* e outras a serem praticantes do fenômeno, que são facilitados pelo ambiente escolar. Não descartamos a possibilidade de ocorrer o *bullying* em outras aulas e em outros momentos da escola, apenas citamos estes momentos por entender que são facilitadores da violência (SHARP e SMITH, 1994).

O recreio, a Educação Física e os horários de entrada e saída da aula, são os momentos em que temos os corpos das crianças em contato maior uns com os outros. Estes também são momentos em que os próprios alunos estão constantemente observando, ou como nos diria Altmann (1999) vigiando as habilidades, as atitudes, o gênero e a sexualidade dos colegas. São nestes momentos que podemos ver, com mais facilidade, a diferença de comportamento entre meninos e meninas e ver e compreender estas diferenças como fruto de uma construção social, nos permite agir de forma mais adequada aos sujeitos e a situação em questão.

A agressividade no espaço escolar é um fenômeno que cada vez mais ocorre nos nossos dias, apesar de um aparecimento crescente de estudos que visam, por um lado, diagnosticar e compreender o problema e, por outro, procurar soluções que levem à prevenção e redução deste fenômeno (FANTE, 2005).

Estudos já realizados em diversos países, sobre esta problemática, demonstram a existência de uma elevada percentagem de alunos envolvidos em incidentes desta natureza (PEREIRA, 2002).

Ao longo do tempo, temos verificado uma evolução do conceito de escola.

Antigamente, a preocupação central era ensinar, atualmente, também surge à preocupação em educar. Não só nos deparamos com disciplinas como a

Educação para a Cidadania, como também o próprio papel do professor autoritário, sabedor e transmissor de valores se modificou. No entanto, os resultados atuais não são os esperados, pois os problemas de desmotivação, desinteresse e indisciplina estão presentes e acabam por resultar em insucesso escolar. Deste modo, a escola deve não só ensinar e educar como também formar (GOMES, 2001).

Torna-se necessário “formar cidadãos autônomos, habilitados, independentes e confiantes” (PIRES, 2001, p.203).

Tal como referem Pereira (2001, p.13), o “conceito de escola é quase sempre associado à sala de aula”, mas não nos podemos esquecer que grande parte dos comportamentos anti-sociais ocorre no recreio, onde as crianças passam uma parte significativa do seu tempo. É neste contexto que se torna necessário atuar. A escola deve agir no sentido de prevenir e combater todos os comportamentos indesejados, causadores de mal estar a muitas crianças (FERREIRA E PEREIRA, 2001).

Diante dessa realidade sobre o Bullying nas escolas é que nos últimos anos foram realizados vários estudos sobre o *Bullying* no contexto escolar. Esta problemática despertou interesse público (SHARP e SMITH, 1994).

De acordo com as maneiras que os alunos se envolvem com o *Bullying*, eles são classificados em quatro categorias: Alvos (vítimas) – são alunos (as) que somente sofrem *Bullying* (PIRES, 2001).

Normalmente, não dispõem de recursos, *status* ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos. São, geralmente, pouco sociáveis, inseguros e têm problemas para se adequarem a grupos de alunos. Apresentam aspecto físico diferenciado dos padrões impostos por seus colegas (magro e/ou gordo), têm pouco rendimento nos esportes e em lutas devido à coordenação motora pouco desenvolvida (FERREIRA E PEREIRA, 2001).

A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento. Alguns crêem ser merecedores do que lhes é imposto. Têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos (FERREIRA E PEREIRA, 2001).

Alvos/autores (vítimas agressoras) – são os (as) alunos(as) que ora sofrem, ora praticam *bullying*. Habitualmente, esses alunos, que passaram por situações de sofrimento na escola, tendem a encontrar indivíduos mais vulneráveis que eles para transferir as agressões sofridas. (FANTE, 2005).

Autores (agressores) – são os (as) alunos(as) que só praticam *bullying*. Os autores são indivíduos que têm pouca empatia. Além disso, são mais fortes do que seus colegas de classe, o que lhes dá vantagem em determinadas brincadeiras, esportes e lutas (FANTE, 2005).

Freqüentemente, pertencem a famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. Seus pais e/ou responsáveis exercem sobre eles uma deficitária supervisão, além de, muitas vezes, oferecerem comportamentos violentos como modelo para solucionar conflitos, o que os leva a já apresentarem indícios de mau-caratismo e a adotarem condutas anti-sociais, como roubo, vandalismo e o uso de álcool e nicotina (FANTE, 2005).

Testemunhas (espectadores) – são os(as) alunos(as) que não sofrem nem praticam *Bullying*, mas convivem em um ambiente onde isso ocorre. As testemunhas, representadas pela maioria dos alunos, convivem com a violência e se calam em razão do temor de se tornarem as ‘próximas vítimas’ (SILVA, 2010).

O medo, a dúvida sobre como agir e a falta de iniciativa da escola são fatores que acabam promovendo um clima de silêncio e omissão nas testemunhas. O rendimento escolar destes alunos poderá decrescer, uma vez que passam a considerar a escola como um espaço inseguro (FANTE, 2005).

Acreditamos que os significados das ações violentas no ambiente escolar têm relação com a não aceitação das diferenças. E como não falar das diferenças se é justamente a escola um dos melhores lugares para olharmos para a diversidade. A escola é o local onde predomina a pluralidade do corpo social (SILVA, 2010).

Apesar de se configurar na maioria das vezes como um lugar que tende a homogeneização dos indivíduos, ela é um local múltiplo, com uma diversidade cultural admirável. Diversidade esta que apenas se inicia com a diferença entre os sexos, depois ela se multiplica em diversos setores da sociedade (SILVA, 2010).

É justamente esta diversidade cultural que muitas vezes leva a violência, mas que segundo Guimarães (1996), também nos permite pensar a vida social, levando-se em conta a pluralidade de situações existentes.

Como nos diz Fante (2005), a matéria mais difícil na escola não é mais a matemática ou a biologia, e sim a convivência. A partir do momento em que tratamos a diversidade estamos nos referindo ao “coletivo”. Só há diversidade cultural com a presença de grupos sociais distintos e de experiências compartilhadas.

É num lugar de encontros e reencontros que localizamos o coletivo. Por outro lado, a diversidade quando difícil de ser aceita gera uma racionalização da vida social e de seus indivíduos que segundo Guimarães (1996) desapropria a conexão com este coletivo.

Mauss (2003) percebe uma confusão feita em torno do que é o coletivo. As pessoas acreditam que para haver a coletividade é necessária uma homogeneização dos indivíduos, quando o que ocorre é justamente o oposto, ou seja, o coletivo é a reunião de seres humanos diferentes entre si.

Esta dificuldade de se conviver com o coletivo não passa despercebida nas escolas, e quando o *bullying* acontece fica ainda mais evidente a diferença existente na forma como meninos e meninas constroem suas relações sociais com os outros colegas. Eles mesmos compreendem que têm papéis sociais distintos, principalmente em se tratando do gênero, sobretudo durante as brincadeiras em grupos, quando deixam aflorar as representações dos componentes sógnicos que expressam masculinidade e feminilidade (RIBEIRO, 2006).

Homens e mulheres agem de formas distintas diante “do outro”. A dificuldade que temos em lidar com as diferenças é fruto de uma tradição cultural passada de geração para geração e perpetuada no tempo. Viemos de uma longa história de dominações e preconceitos (RIBEIRO, 2006).

Nossa história denuncia o preconceito racial justificado pela escravidão, o preconceito com o obeso que teve a colaboração da medicina (com o advento da saúde) e principalmente da mídia (exultando a importância de termos corpos magros), o preconceito com o pobre, que desencadeou as diversas “lutas de classe” e o preconceito com a mulher que no decorrer do tempo se rebela através de lutas feministas pela igualdade dos sexos (RIBEIRO, 2006).

Afinal, somos filhos do patriarcado, no qual elevando o papel do homem gerou a inferioridade da mulher. Isto certamente estabeleceu e delimitou muito bem o papel de ambos os sexos em nossa sociedade (RIBEIRO, 2006).

3 ANALISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Os sujeitos dessa pesquisa foram os alunos da Escola Municipal Ulisses de Gois do 6º e 9º ano, do sexo masculino e feminino. Divididos da seguinte maneira: 6º ano masculino: 38 alunos; 6º ano feminino: 36 alunas; 9º ano masculino: 20 alunos; 9º ano feminino: 16 alunas. Assim sendo nossos entrevistados, foi em sua maioria do sexo masculino, com 58 respondentes, e 52 do sexo feminino. Observe o gráfico abaixo.

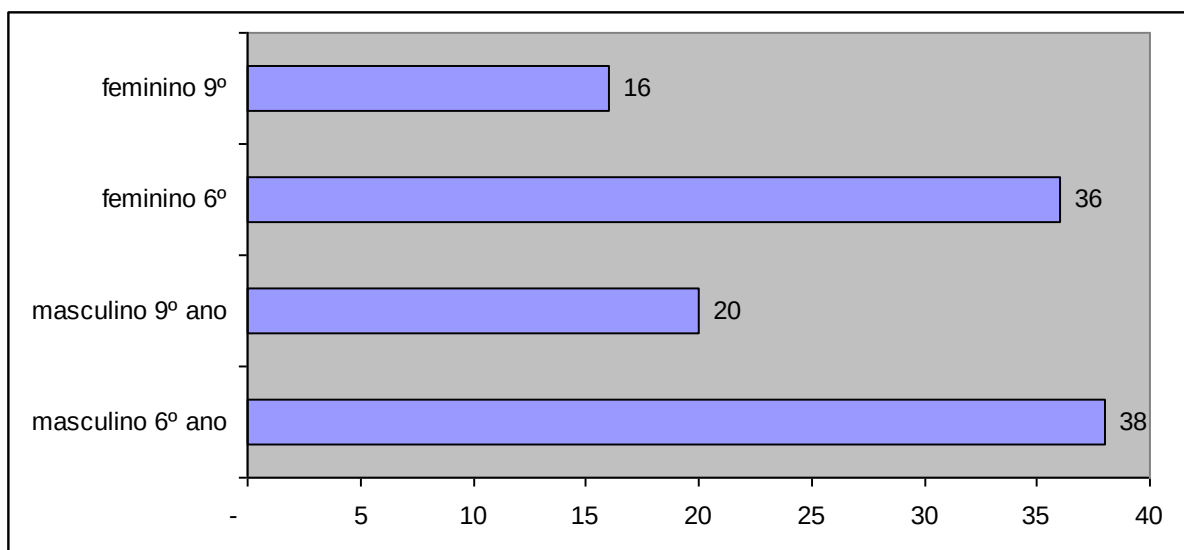


GRÁFICO 1: RESULTADOS PERCENTUAIS SOBRE A DIVISÃO POR SEXO E ANO QUE OS ENTREVISTADOS ESTÃO CURSANDO

Do 6º ano tivemos entre meninos e meninas 74 respondentes, e 36 do 9º ano. Esse fato ocorreu aleatoriamente, entregamos a mesma quantidade de questionários para ambos os anos, contudo, e também devido à evasão escolar dos 80 distribuídos, só recebemos 36.

A seguir mostraremos em gráficos os resultados obtidos com as 17 perguntas do questionário. Optamos por integrar as perguntas duas a duas para assim poder analisar melhor as respostas dos discentes e também diminuir o número de gráficos para uma melhor compreensão da pesquisa.

A primeira pergunta do questionário foi referente à humilhação. Perguntamos se os alunos já tinham sido humilhados por alguma pessoa significativa. E a segunda foi sobre interesse, ou seja, indiferença, perguntamos

então se alguma pessoa havia em algum momento demonstrado falta de interesse por ele. Analise o gráfico a seguir.

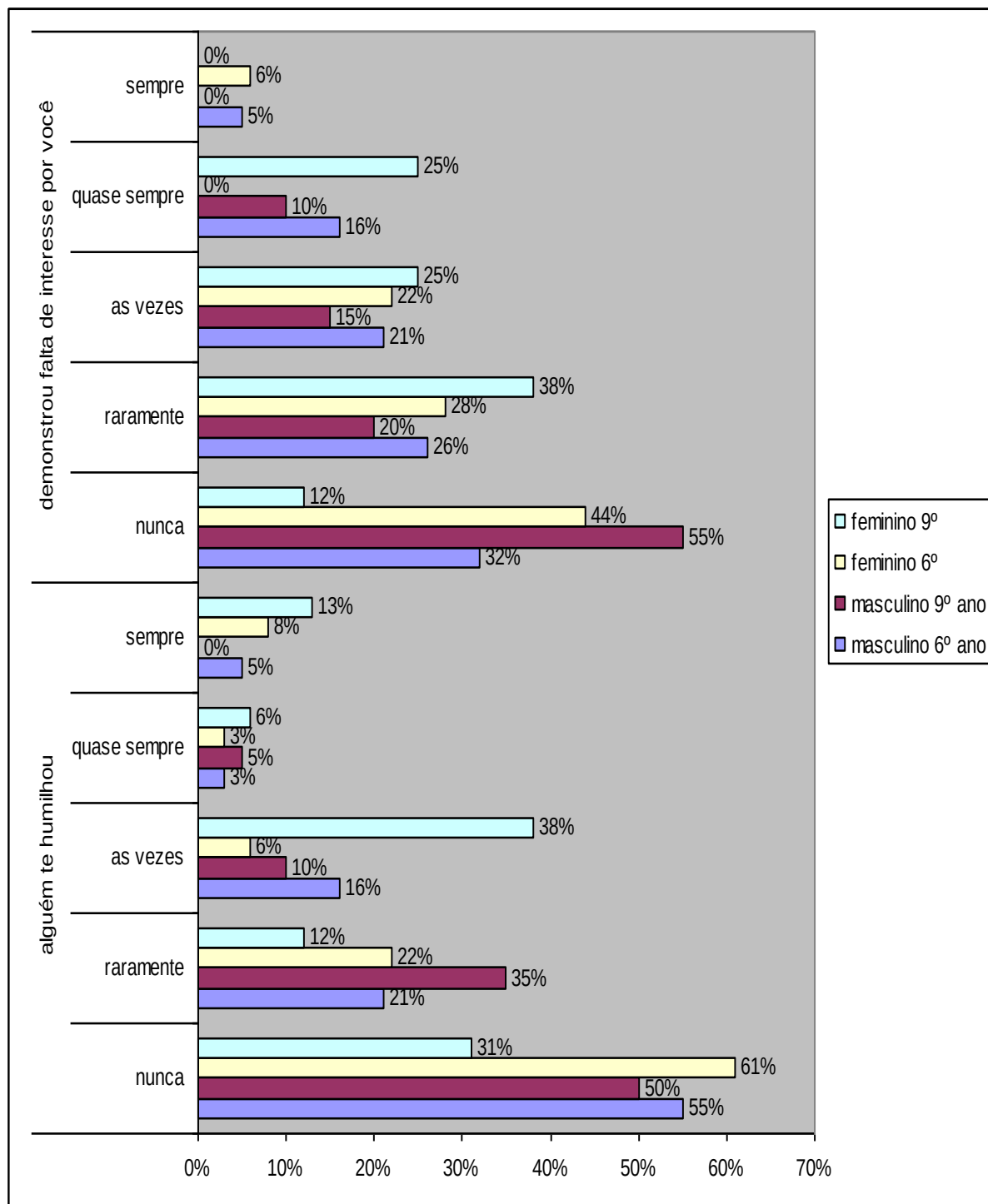


GRÁFICO 2: RESULTADOS PERCENTUAIS DAS SEGUINTE PERGUNTAS: JÁ TINHAM SIDO HUMILHADOS POR ALGUMA PESSOA SIGNIFICATIVA E ALGUMA PESSOA HAVIA EM ALGUM MOMENTO DEMONSTRADO FALTA DE INTERESSE PELOS ALUNOS DE AMBOS OS SEXOS DO 6º AO 9º ANO DA EMPUG

Em relação a primeira pergunta observamos que entre os respondentes do sexo masculino do 6º ano, 55% relatou que nunca havia sido humilhado por ninguém, 21% respondeu que raramente foi humilhado na vida, 16% disse que as vezes, ou seja, algumas vezes tinham sido humilhados, 3% respondeu que quase sempre eram humilhados e 5% disse que sempre eram humilhados.

Juntando aqui os quesitos, às vezes, quase sempre e sempre, temos um percentual significativo de 24%, ou seja, 24% dos entrevistados do 6º ano, já passaram por humilhação na escola. Esse é um índice preocupante.

Entre os respondentes do 9º ano do sexo masculino o índice de humilhação não foi tão elevado, 50% deles disseram que nunca foram humilhados, 35% disseram que raramente foram humilhados, 10% disse que às vezes foram humilhados, 5% respondeu que quase sempre e 0% respondeu que sempre havia sido humilhado. Isso equivale juntando as três últimas respostas somam 15%.

Entre as meninas, esses dados aumentam bastante principalmente entre as meninas do 9º ano. As meninas do 6º ano para essa mesma indagação responderam que nunca foram humilhadas, 61%, raramente, 31%, às vezes, 6%, quase sempre 3%, e sempre 8%. Quando reunimos as três últimas respostas somamos um percentual de 17% das meninas do 6º ano que foram humilhadas.

Entre as respondentes do 9º ano esse índice sobe para 57%, quando juntamos as três últimas respostas. As meninas do 9º ano disseram que nunca haviam sido humilhadas, 31%, raramente, 12%, às vezes 38%, quase sempre, 6%, e sempre eram humilhadas 13%. Essa afirmativa nos leva a indagar sobre a evasão escolar no 9º ano.

De acordo com Silva (2010, p.148), “Muitos alunos são intimidados, coagidos, humilhados e até mesmo perseguidos, por quem deveria educá-los e até protegê-los gerando quadro depressivo caracterizados por sentimentos negativos, auto estima rebaixada, sensação de impotência, desmotivação para os estudos e queda no rendimento escolar”.

A segunda pergunta do questionário foi referente à falta de interesse de alguém pelos alunos o que indica indiferença. Analisemos os resultados.

Entre os meninos do 6º ano quando indagados sobre a falta de interesse eles responderam que nunca ninguém havia demonstrado falta de interesse por eles, 32%, raramente, 26%, às vezes, 21%, quase sempre 16% e sempre, 5 %. Esses dados nos leva a crer (juntando as três ultimas questão) que 41% dos

meninos do 6º ano sofrem com a falta de interesse ou indiferença de alguém na escola em relação a eles.

Novamente quando analisamos os meninos do 9º ano as respostas diferiram. Os meninos do 9º disseram que nunca tinham notado falta de interesse para com eles 55%, raramente, 20%, às vezes, 15%, quase sempre, 10%, e sempre 0%. Ao somarmos as três últimas respostas, apenas 25% dos meninos do 9º ano sentiram falta de interesse, indiferença, de alguém para com eles.

Entre as meninas do 6º ano as respostas se invertem elas afirmam, fazendo a somatória de antes, 28%, que não notam falta de interesse por parte de outros para com elas. Já as meninas do 9º ano afirmam 50%, que notam indiferença de outrem para com elas. Analisemos os dados.

Sobre a falta de interesse para com elas as meninas do 6º ano dizem nunca terem percebido a mesma, 44%, raramente, 28%, às vezes, 22%, quase sempre 0% e sempre 6%.

Em contra partida as meninas do 9º ano dizem para a mesma pergunta, nunca terem percebido 12%, raramente 38%, às vezes, 25, e quase sempre 25%. O que na somatória de antes totaliza 50% das respondentes, do 9º ano que percebem indiferença dos outros para com elas.

A indiferença é uma forma de bullying psicológico as crianças e/ou adolescentes ao se sentirem desprezados podem ter sua auto-estima diminuída o que pode causar uma série de traumas psicológicos.

No terceiro quesito foi indagado para os alunos, se alguém já os tinha culpado por falhas que ele/ela havia cometido. O quarto quesito foi referente ao encorajamento por parte de outros para eles fizessem algo por eles mesmos (educação, carreira, esporte). Observem o gráfico abaixo.

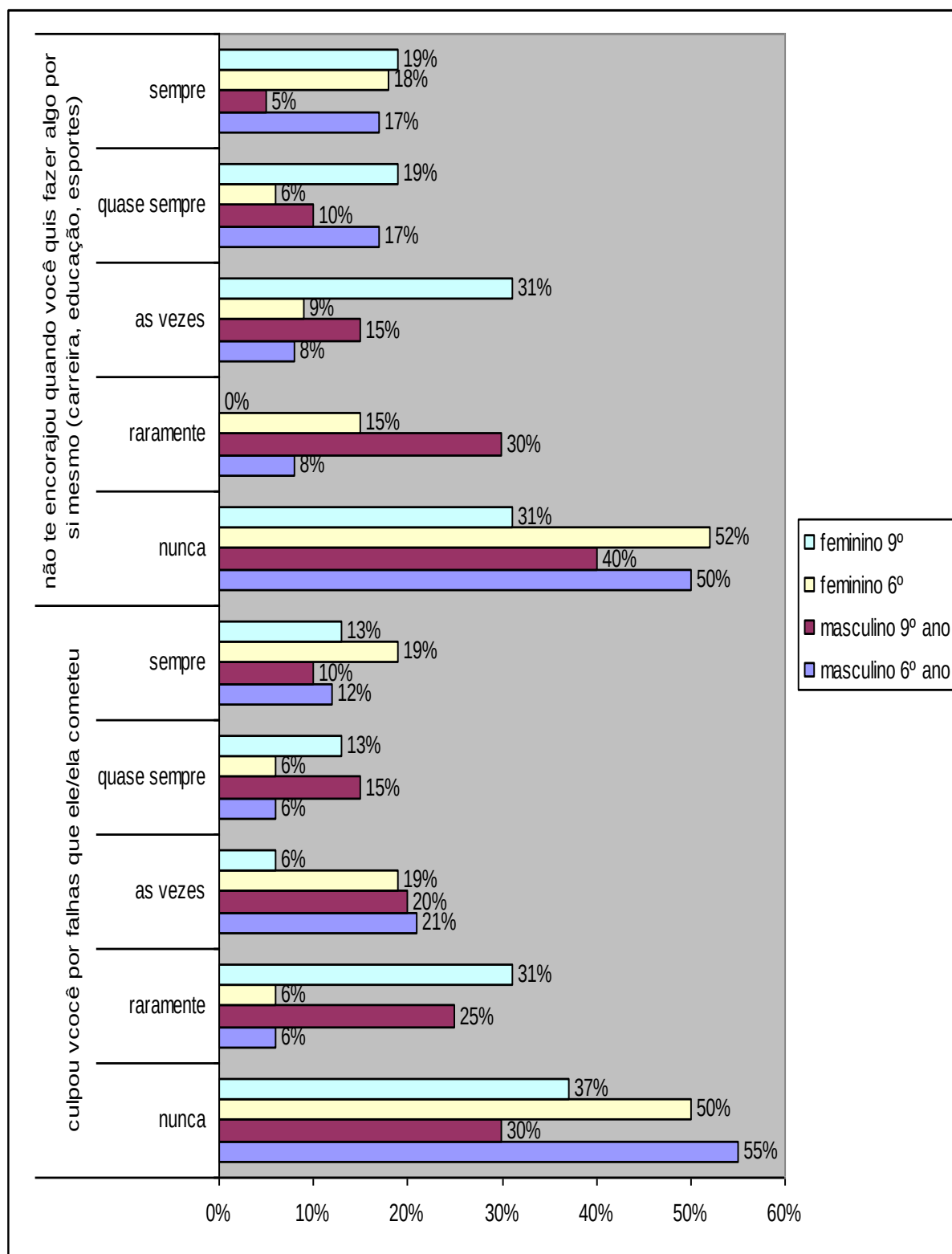


GRÁFICO 3: RESULTADOS PERCENTUAIS DAS SEGUINTE PERGUNTAS: SE ALGUÉM JÁ OS TINHA CULPADO POR FALHAS QUE ELE/ELA HAVIA COMETIDO E JÁ TINHAM SIDO ENCORAJADOS QUANDO QUISERAM FAZER ALGO POR SI MESMOS.

No terceiro questionamento ao serem indagados sobre a culpa a eles incumbida pelos outros, ou seja, a difamação, que caracteriza bullying. Os meninos

do 6º ano disseram que isso nunca havia acontecido com eles, 55%, raramente, 6%, às vezes, 21%, quase sempre, 6% e sempre, 12%. Fazendo a mesma somatória (dos três últimos quesitos) chegamos a um índice de 39% dos alunos do 6º ano que já foram incumbidos de culpas que não são deles, ou seja, foram difamados por alguém.

Os respondentes do 9º ano do sexo masculino disseram que nunca haviam culpado eles por coisas que não fizeram, 30%, raramente 25%, às vezes 20%, quase sempre 6%, e sempre 10%. Isso significa dizer que 36% dos alunos pesquisados já foram difamados por alguém, colocaram neles culpas que os mesmos não tinham, isso é uma forma de bullying, psicológico e moral.

Esses dados aumentam quando as meninas são analisadas através da pesquisa. As meninas do 6º ano disseram que essa culpa ou difamação nunca foram colocadas sobre elas, 50%, raramente 6%, às vezes 19%, quase sempre 6%, e sempre 19%. Isso significa dizer, juntando os três últimos quesitos que, que 44% das alunas do 6º ano foram difamadas.

As meninas do 9º ao contrário, apenas 32%, foram difamadas. Contudo levando em consideração o que essa difamação pode causar ao psicológico e a moral do adolescente ainda é um índice bem alto. Vejamos o que elas responderam, 37%, disseram que nunca a culpavam do que não tinham feito, 31% disse que raramente, 6% disse às vezes, 13% disse quase sempre e também 13% disse sempre.

No quarto quesito foi indagado aos alunos se alguém os encorajava quando eles queriam fazer algo por eles mesmos, ou seja, se alguém se interessava em melhorar a auto-estima deles, os meninos do 6º ano disseram que nunca tinham os encorajado, 50%, raramente 8%, às vezes 8%, quase sempre 17% e sempre 17%. Entre os entrevistados apenas 42% tiveram algum incentivo para melhorar a sua auto-estima. Em contrapartida 58% disseram que nunca foram encorajados a fazerem nada por eles mesmos, ou seja, nunca foram encorajados a melhorar a sua auto-estima.

Entre os alunos do 9º ano as estatísticas de alguém ter encorajado-os a fazerem algo por eles mesmos, foi ainda pior 70% (juntado os dois primeiros quesitos). Entre eles 40% nunca foram encorajados, 30% foram raramente encorajados a algo, 15% foi às vezes, 10% foram quase sempre e apenas 5% é sempre encorajado.

Entre as meninas do o melhoramento da auto-estima, ou seja, o encorajamento melhora um pouco, mas, o suficiente. No 6º ano 52% nunca foram encorajadas a fazer nada por elas mesmas, 15%, raramente foi encorajada, 9% foi às vezes, quase sempre, 6%, e sempre 18%. O fato é que 67% das entrevistadas do 6º ano não são encorajadas a fazer algo por elas mesmas.

Entre as meninas do 9º ano essa estatística melhora, apenas 31% delas não foram encorajadas, raramente, 0%, às vezes 31%, quase sempre 19% e sempre 19%.

Essas estatísticas são bastante preocupantes, pois levando em consideração a realidade dessas crianças, que moram em bairro de periferia, têm famílias desajustadas, e ainda por cima, na escola, como estamos vendo aqui ainda podem sofrer bullying, como essas crianças vão melhorar as suas condições de vida, sem terem alguém que as encorajem quando elas querem fazer algo por si mesmas? Como elas poderão melhorar a sua auto-estima?

A melhora e o encorajamento da melhora da auto estima é de extrema importância para quem sofre bullying. Sem isso, o bullying pode ter consequências desastrosas. Segundo Silva (2010): “as conseqüências do bullying pode ir desde repetência e evasão escolar até isolamento, depressão e em casos extremos, suicídio e homicídio”.

No quinto quesito perguntamos aos alunos se alguém já tinha dito para eles se os mesmos não eram tão bons quanto às outras pessoas. No sexto perguntou-se se alguém já tinha gritado com eles sem motivos. Observe o gráfico a seguir.

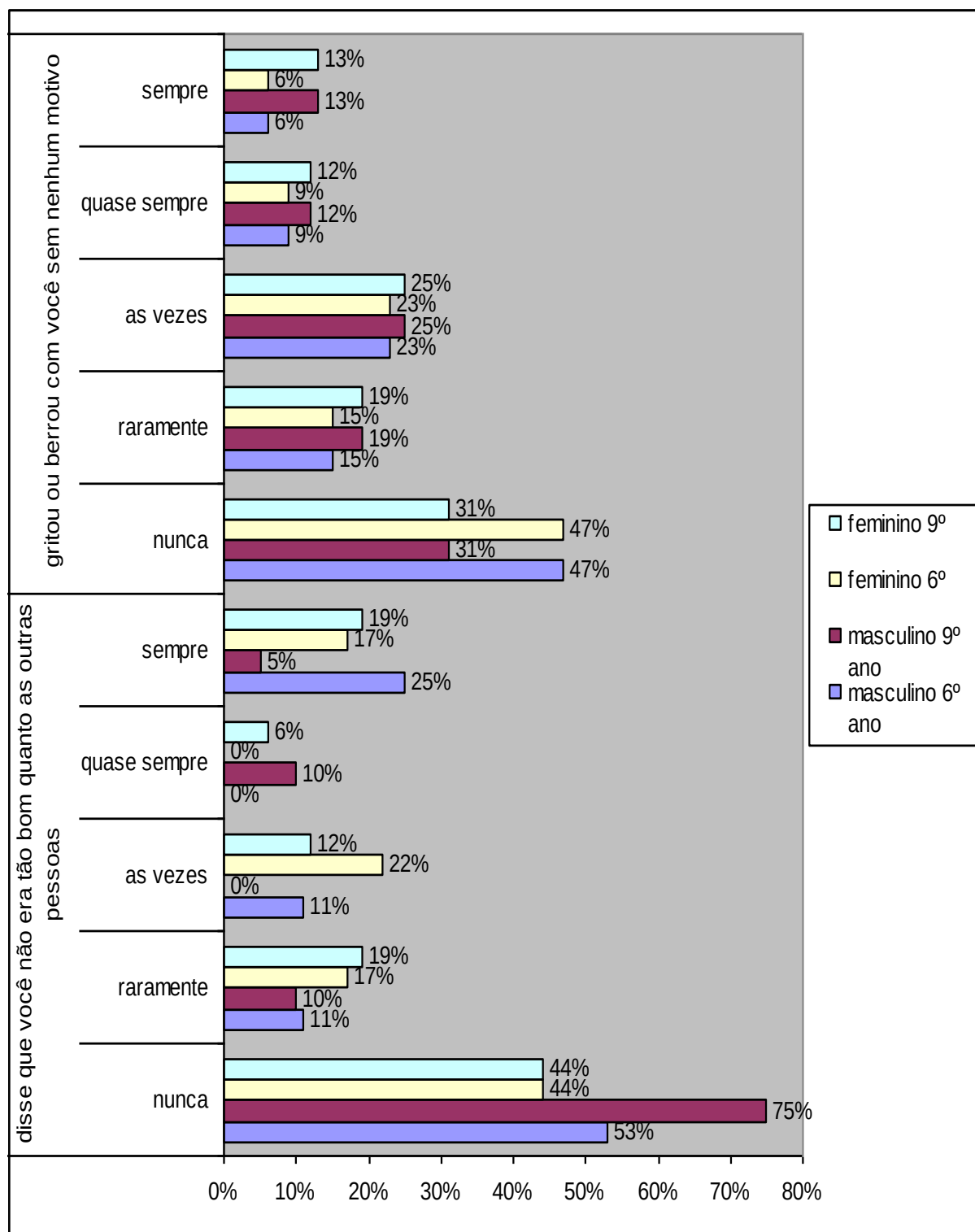


GRÁFICO 4: RESULTADOS PERCENTUAIS DAS SEGUINTE PERGUNTAS: SE ALGUÉM JÁ TINHA DITO PARA ELES SE OS MESMOS NÃO ERAM TÃO BONS QUANTO AS OUTRAS PESSOAS E SE ALGUÉM JÁ TINHA GRITADO COM ELES SEM MOTIVOS.

No quinto quesito, assim como no sexto achamos dois pontos positivos, os alunos relatam, a maioria, que nunca ou raramente foram gritados, sem motivos,

(somando os dois primeiros quesitos – 6º ano masculino, 62%, 9º ano masculino, 50%, 6º ano feminino, 62%, 9º ano feminino, 50%).

No sexto quesito, que diz respeito a se alguém disse que eles não eram tão bons quanto os outros, o índice ainda é melhor, a maioria deles disseram que nunca ou jamais alguém disse que eles não eram tão bons quanto os outros (somando os dois primeiros quesitos – 6º ano masculino, 64%, 9º ano masculino, 85%, 6º ano feminino, 61%, 9º ano feminino, 63%).

O gráfico seguinte coloca em foco a sétima e a oitava questão, as quais perguntam se os alunos foram chamados por termos pejorativos, como doido, idiota ou burro (sétima questão) e se eles foram forçados a assumirem algum serviço doméstico. Observem o gráfico a seguir.

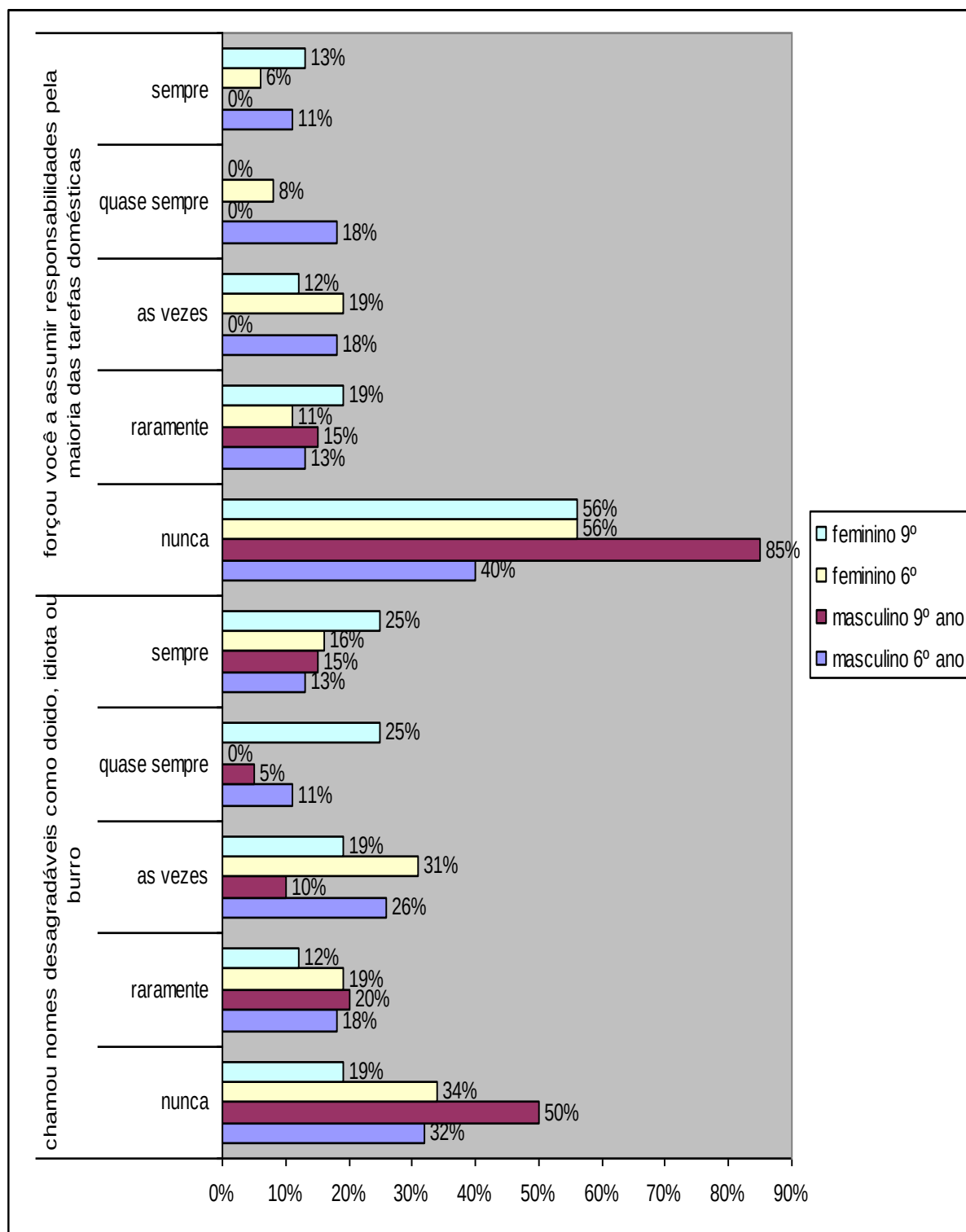


GRÁFICO 5: RESULTADOS PERCENTUAIS DAS SEGUINTE PERGUNTAS: SE OS ALUNOS FORAM CHAMADOS POR TERMOS PEJORATIVOS, COMO DOIDO, IDIOTA OU BURRO (SÉTIMA QUESTÃO) E SE ELES FORAM FORÇADOS A ASSUMIREM ALGUM SERVIÇO DOMÉSTICO.

O xingamento é um dos tipos de bullying mais comuns entre os adolescentes. E o forçar o adolescente a algo também é. O primeiro é um tipo de bullying, psicológico e moral e o segundo é um tipo de bullying físico.

No quinto quesito o que nos chamou a atenção foi que entre os meninos, do 6º e 9º ano, e as meninas do 6º ano, responderam que nunca ou raramente, foram chamados de apelidos, ou seja, termos pejorativos (juntando os dois primeiros quesitos – 6º ano masculino, 50%, 9º ano masculino, 60%, e 6º ano feminino, 53%), contudo as meninas do 9º ano disseram que às vezes são apelidadas 19%, quase sempre são apelidadas, 25% e sempre são apelidadas, 25%, o que somando os três últimos quesitos equivale a 69% das alunas do 9º ano são chamadas por termos pejorativos isso caracteriza bullying, psicológico e/ou moral.

No sexto quesito enfocamos o forçar os alunos a fazerem serviços domésticos. Eles responderam em sua grande maioria que nunca ou raramente são forçados a fazerem esse tipo de serviço (somando os dois primeiros quesitos – 6º ano masculino, 53%, 9º ano masculino, 100%, 6º ano feminino, 67%, 9º ano feminino, 75%).

O resultado desse questionamento nos leva a refletir sobre o papel dos pais na educação dos filhos na forma de delegar atribuições. Segundo Silva, (2010, p.61), Uma grande parcela dos pais age de forma excessivamente tolerante com seus filhos. São os pais do “deixa pra lá”, ou “passar a mão na cabeça dos filhos”, diante de comportamentos francamente transgressores. Os pais em sua maioria agem sob alegação de que não querem ferir a sensibilidade dos filhos ou para evitar desavenças familiares, ou como forma de compensar o período que estão distante dos filhos por motivos profissionais.

Contudo tudo isso pode causar nos filhos um sentimento de total liberdade, e por serem influenciáveis podem começar a fazer coisas erradas, principalmente pelo ócio no qual eles devem viver constantemente.

No nono quesito perguntamos se alguém já os tinha criticado pelo o que eles falam e dizem. O décimo quesito se refere às críticas sobre a aparência e pelo modo como se vestem. Observe o gráfico a seguir

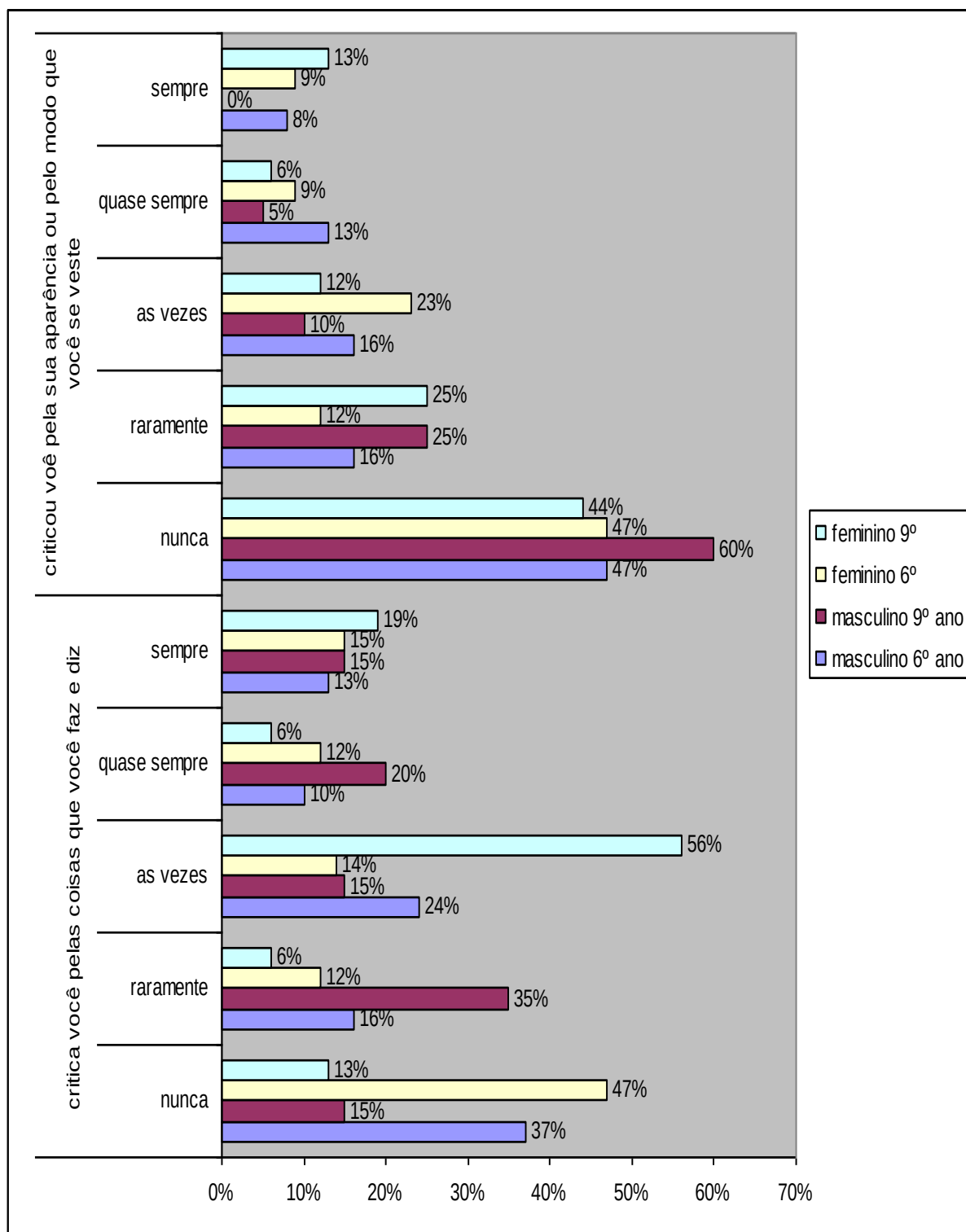


GRÁFICO 6: RESULTADOS PERCENTUAIS DAS SEGUINTE PERGUNTAS: SE ALGUÉM JÁ OS TINHA CRITICADO PELO O QUE ELES FALAM E DIZEM E SE REFERE ÀS CRÍTICAS SOBRE A APARÊNCIA E PELO MODO COMO SE VESTEM.

No nono e décimo quesito foi colocado em foco as críticas diversas que se faz aos alunos.

No nono quesito o que nos chamou a atenção foi que os meninos do 6º e 9º ano e as meninas do 6º ano disseram em sua maioria que nunca ou raramente foram criticados pelo que falam ou dizem (somando os dois primeiros quesitos – 6º ano masculino, 53%, 9º ano masculino, 50%, 6º ano feminino, 59%). Mas, as meninas do 9º ano disseram que às vezes são criticadas, 56%, quase sempre, 6% e sempre 19% (somando os três últimos quesitos isso equivale a 81%, o que é assustador).

A forma de tratamento que muitas vezes gera o entendimento no universo infantil como críticas deriva-se muitas vezes do adulto não perceber que um comentário dele traz tanto prejuízo à criança. De acordo com Ana Maria Rossi, psicóloga, os pequenos precisam de limites, mas a maneira de o adulto se expressar e estabelecê-los vai ser importantíssima para a formação da auto-estima da criança.

No décimo quesito os alunos, em sua grande maioria dizem que nunca ou raramente são criticadas pela aparência ou pelo que vestem (somando os dois primeiros quesitos – 6º ano masculino, 63%, 9º ano masculino, 85%, 6º ano feminino, 59%, 9º ano feminino, 69%).

Contudo, mesmo não sendo criticadas pelo que vestem ou pela aparência, no quesito anterior podemos observar que o bullying certamente existe praticado com as meninas do 9º ano. Talvez seja essa a causa da grande evasão escolar no 9º ano. Acreditamos que esse deve ser um caso a ser analisado.

A seguir discutiremos o décimo primeiro e o décimo segundo quesito. O primeiro indaga se alguém critica os seus amigos. O segundo enfoca o elogio, perguntando se alguém não o elogiou quando ele fez algo de bom. Analise o gráfico a seguir.

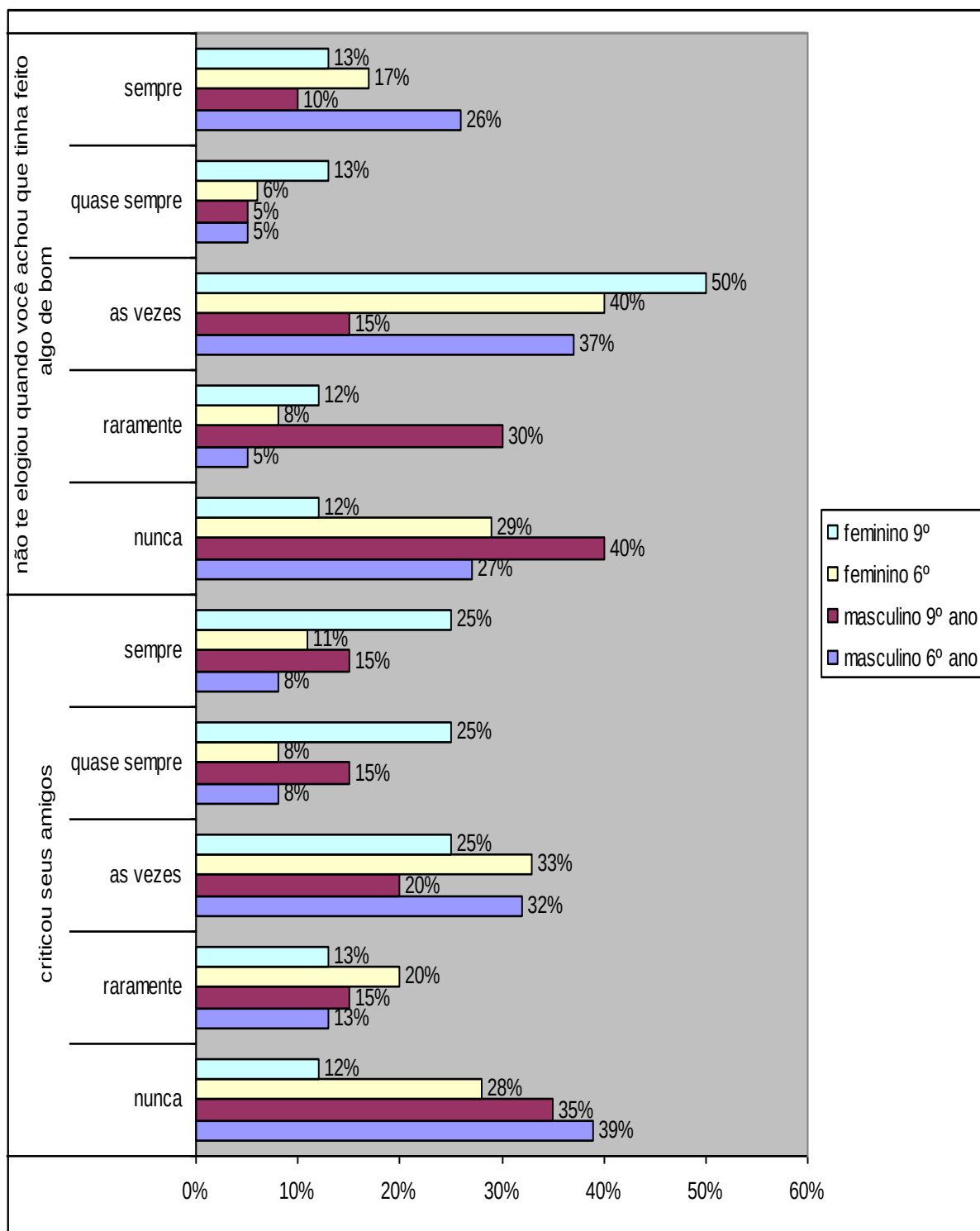


GRÁFICO 7: RESULTADOS PERCENTUAIS DAS SEGUINTE PERGUNTAS: SE ALGUÉM CRITICA OS SEUS AMIGOS E SE ALGUÉM NÃO O ELOGIOU QUANDO ELE ACHAVA QUE DEVIA

No 11º questionamento, o qual indaga se alguém critica os amigos dos alunos. Os respondentes do 6º ano, masculino, disseram que nunca criticaram seus amigos, 39%, raramente, 13%, às vezes, 32%, quase sempre, 8%, sempre 8%. Juntando os três últimos quesitos, chega a um total de 48%.

Os meninos do 9º ano disseram que nunca criticaram seus amigos, 35%, raramente, 15%, às vezes 20%, quase sempre 15% e sempre 15%. No 9º ano somando os dois primeiros quesitos e os três últimos, ambos equivalem a 50%, ou seja, metades dos alunos têm seus amigos criticados e a outra metade diz que não, que seus amigos não são criticados pelos outros.

As meninas do 6º ano, em sua maioria dizem que têm seus amigos criticados pelos outros, juntando as três últimas respostas (às vezes, 33%, quase sempre, 8% e sempre, 11%) o resultado é equivalente a 52%.

As meninas do 9º ano disseram que às vezes seus amigos são criticados, 25%, quase sempre 25%, e sempre 25%, isso equivale a 75%. O que indica que as meninas do 9º ano as que são mais perturbadas por termos pejorativos, podem ter amigos que exercem más influencia sobre elas. O que não é bom já que o índice de evasão no 9º ano é bastante significativo.

No 12º questionamento, um fato chamou a nossa atenção. Perguntamos se os alunos achavam que não eram elogiados quando mereciam ser, apenas os alunos do sexo masculino do 9º ano afirmaram que nunca ou raramente eram elogiados (nunca 40% e raramente 30%), somando as duas primeiras respostas, o total é equivalente a 70%. Os alunos dos demais anos e sexo em grande maioria disseram que às vezes, quase sempre ou sempre são elogiados (juntando as três ultimas respostas disseram: 6º ano masculino 66%, 6º ano feminino 63% e 9º ano feminino 76%).

A falta de elogios quando devida é extremamente nociva, pois, pode fazer o aluno perder o estímulo de fazer coisas boas, baixando assim a sua auto-estima o que caracteriza bullying psicológico. O que pode ocasionar evasão escolar. O que é uma constante no 9º ano da escola pesquisada.

No décimo primeiro e décimo quarto questionamento enfocamos as piadas feitas na frente dos outros, e o fato de outras pessoas não acreditarem nos respondentes. Analise o gráfico a seguir.

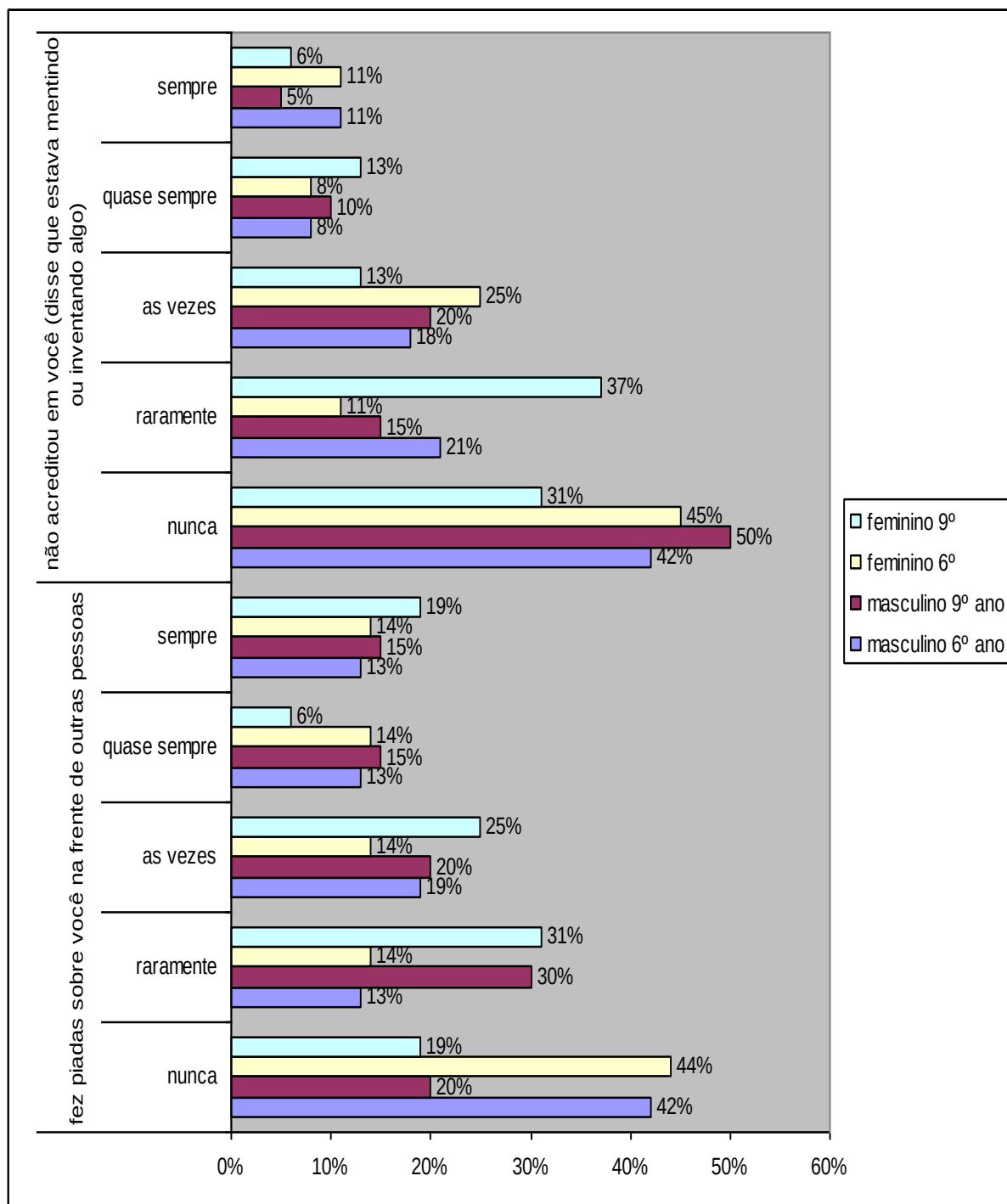


GRÁFICO 8: RESULTADOS PERCENTUAIS DAS SEGUINTE PERGUNTAS: SE ALGUÉM FEZ PIADAS SOBRE VOCÊ NA FRENTE DE OUTRAS PESSOAS E SE NÃO ACREDITARAM NELE E DISSERAM QUE ELE ESTAVA MENTINDO

No décimo terceiro quesito perguntamos se alguém já tinha feito piadas com eles na frente dos outros. Os alunos do 6º ano masculino, responderam nunca ou raramente (juntando os dois primeiros quesitos) 55%. Contra 45% que responderam que às vezes, quase sempre ou sempre são alvos de piadas de seus colegas.

O 9º ano masculino respondeu que nunca ou raramente são alvos de piadas (juntando os dois primeiros quesitos) 50%, contudo os outros 50% disseram que às vezes, quase sempre ou sempre são alvos de piadas de seus colegas.

As meninas do 6º ano disseram que nunca ou raramente são alvos de piadas (juntando os dois primeiros quesitos) 58%, contudo os outros 42% disseram que às vezes, quase sempre ou sempre são alvos de piadas de seus colegas. As do 9º ano concordaram e disseram que nunca ou raramente são alvos de piadas (juntando os dois primeiros quesitos) 50%, contudo os outros 50% disseram que às vezes, quase sempre ou sempre são alvos de piadas de seus colegas.

O que analisamos aqui é que esses dados caracterizam de sobre maneira que na Escola Municipal Professor Ulisses Góis, existe os alunos que praticam bullying, ou seja, que ridicularizam os seus colegas na frente dos outros, fazendo piadas de mau gosto, assim como existe os alunos que sofrem o bullying, e são ridicularizados, por seus próprios colegas, dentro da escola.

De acordo com Silva (2010): Bullying corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica que ocorrem nas instituições de ensino. Crianças e jovens vítimas de bullying, na maioria das vezes, sofrem caladas frente ao comportamento de seus ofensores. E que se não combatidas as suas conseqüências podem ser desastrosas causando desde repetência, e evasão até isolamento, depressão e, em casos extremos, suicídio e homicídio.

O que na realidade se precisa nas escolas é de uma equipe multidisciplinar, que compreenda o que é **bullying** e que procure meios de combatê-lo no âmbito escolar.

No décimo quarto quesito foi perguntado se os alunos se sentiam desacreditados, na instituição na qual estudam em sua maioria os alunos responderam que nunca ou raramente se sentiram desacreditados (juntando as duas primeiras respostas temos: 6º ano masculino 63%, 9º ano masculino 65%, 6º ano feminino 56% e 9º ano feminino 68%).

No décimo quinto, no décimo sexto e no décimo sétimo quesito perguntamos aos alunos se alguém na escola tinha dito que eles estavam errados enquanto quando eles haviam dito ou feito algo, perguntamos ainda se alguém os tinha ignorado quando eles procuraram carinho, e ainda se alguém os havia humilhado fazendo piadas dos seus corpos. Observe o gráfico a seguir.

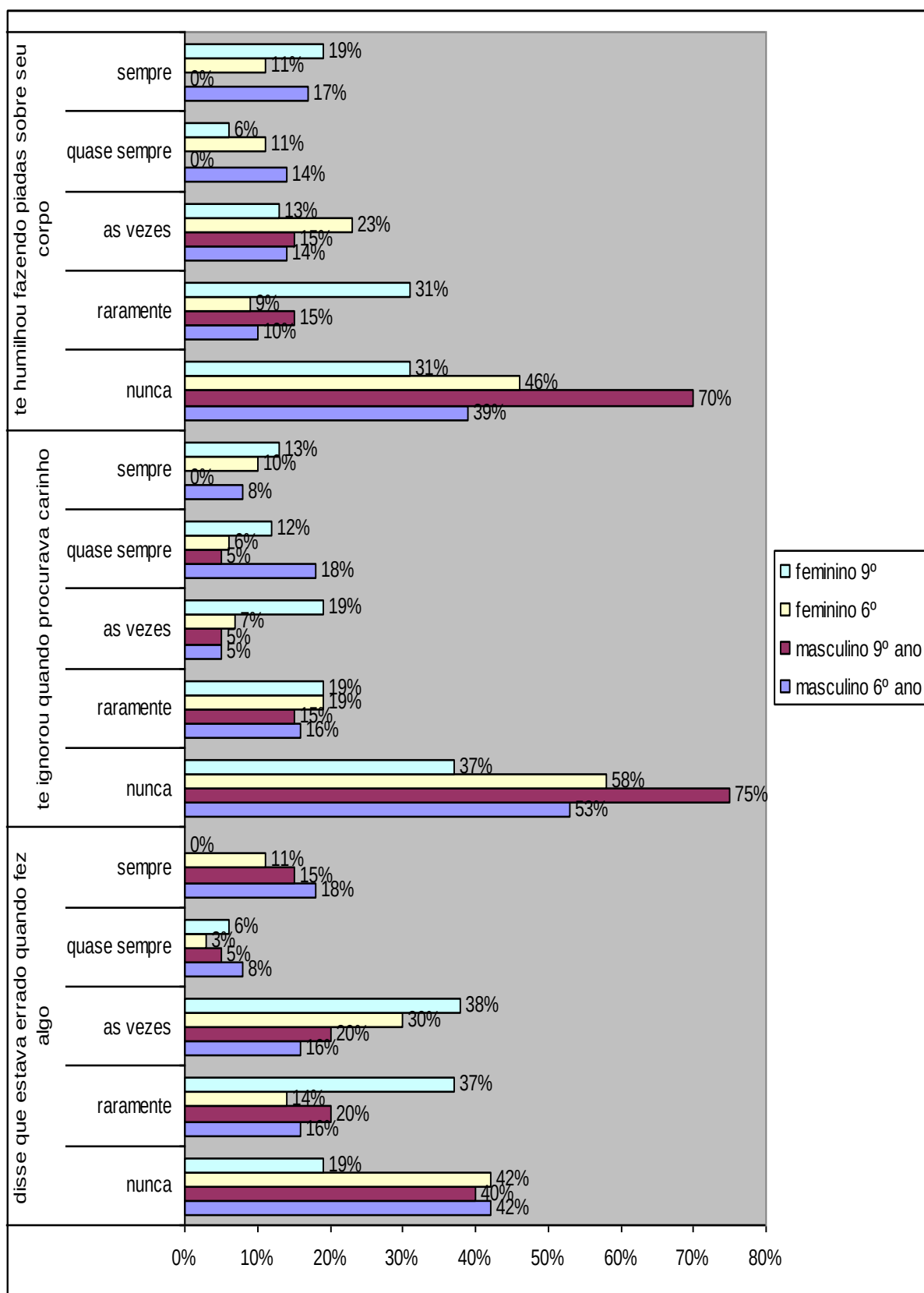


GRAFICO 9: RESULTADOS PERCENTUAIS DAS SEGUINTE PERGUNTAS: SE ALGUÉM NA ESCOLA TINHA DITO QUE ELES ESTAVAM ERRADOS ENQUANTO QUANDO ELES HAVIAM DITO OU FEITO ALGO, PERGUNTAMOS AINDA SE ALGUÉM OS TINHA IGNORADO QUANDO ELES PROCURARAM CARINHO, E AINDA SE ALGUÉM OS HAVIA HUMILHADO FAZENDO PIADAS DOS SEUS CORPOS.

No 15º quesito ao indagarmos sobre se alguém havia dito que eles estavam errados quando eles disseram ou fizeram alguma coisa, os respondentes disseram, em sua maioria que nunca ou quase nunca haviam duvidado deles (juntando as duas primeiras respostas os meninos do 6º ano somaram 58%, os do 9º ano 60%, as meninas do 6º ano e do 9º ano 56%).

No 16º quesito ao indagarmos sobre se alguém havia os ignorado quando procurava carinho, os respondentes disseram, em sua maioria que nunca ou quase nunca haviam sido ignorados ao buscarem tal sentimento (juntando as duas primeiras respostas os meninos do 6º ano somaram 69%, os do 9º ano 90%, as meninas do 6º ano 77% e as do 9º ano 56%).

No 17º quesito ao indagarmos sobre se alguém os havia humilhado fazendo piadas sobre o seu corpo, os respondentes disseram, em sua maioria que nunca ou quase nunca haviam sido humilhados com piadas sobre o seu corpo (juntando as duas primeiras respostas os meninos do 6º ano somaram 55%, os do 9º ano 85%, as meninas do 6º ano 55% e as do 9º ano 62%).

Contudo neste quesito que caracteriza de sobremaneira o bullying, não podemos nos deter a maioria, mas sim a minoria, que fica constrangida com tal violência, verbal, moral e psicológica.

A seguir iremos enfocar o gráfico conclusivo dessa pesquisa, no qual somamos os percentuais dos três últimos quesitos (as vezes, quase sempre e sempre) para assim identificarmos melhor o bullying. Observe o gráfico a seguir.

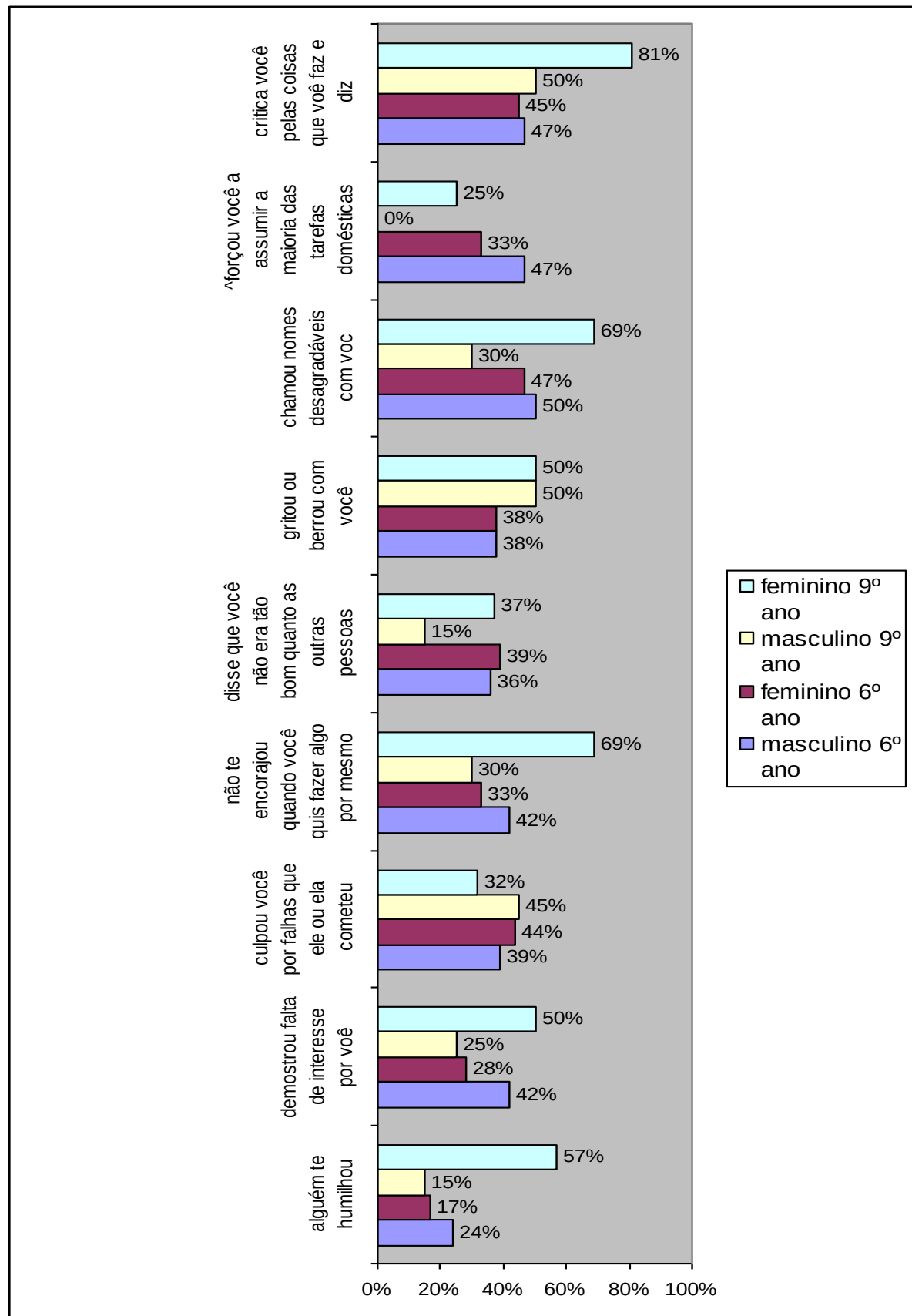


GRAFICO 10: RESULTADOS PERCENTUAIS DE TODAS AS PERGUNTAS DA PESQUISA:
GRÁFICO DE CONCLUSÃO

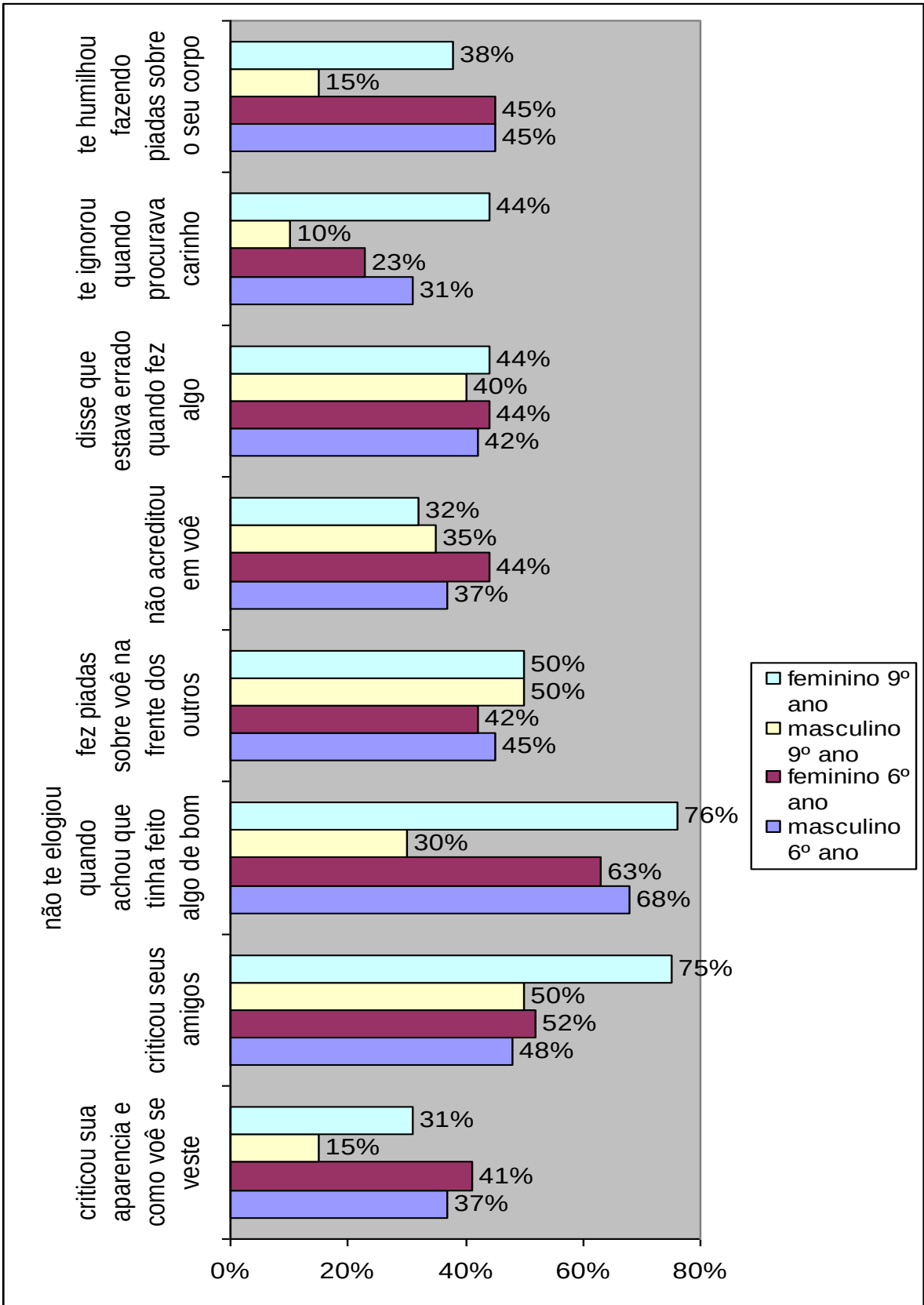


GRAFICO 10: CONTINUAÇÃO DO GRÁFICO DE CONCLUSÃO

O que percebemos com esse gráfico de conclusão ao juntarmos os três últimos quesitos das perguntas (as vezes, quase sempre e sempre) é que o número de pessoas que sofrem com humilhações, culpas atribuídas a elas dentre outras coisas é muito grande, principalmente entre as meninas do 9º ano.

Assim sendo, percebemos que na realidade, mais comumente quem pratica o bullying são, em sua grande maioria os meninos e quem sofre esse tipo de abuso geralmente são as meninas.

O Bullying é na verdade uma forma de aplicação de atos de humilhação, sendo utilizados para isso atos físicos ou psicológicos. As marcas deixadas pelas agressões físicas são conhecidas por todos. Podem deixar desde um simples arranhão, até seqüelas permanentes. Já o lado psicológico da humilhação, apesar de estudado durante décadas, ainda não teve um parecer conclusivo. Entre outras emoções e sintomas podem ser considerados conseqüências de humilhações sofridas ao longo da vida a baixa auto-estima, angústia, tristeza, depressão, irritabilidade, instabilidade emocional, pânico e raiva. Se um indivíduo se sente humilhado é porque alguém, através de algum ato o fez sentir-se inferior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi encontrado índice elevado de Bullying, mas apesar disto, se fez presente no sexo feminino com maior incidência principalmente no que diz respeito à humilhação a falta de interesse e tratamento pejorativo.

A instituição de ensino, portanto, deve em primeiro lugar reconhecer a existência do Bullying, em seguida capacitar e orientar os seus educadores para melhor lidar com o fenômeno junto aos alunos, um terceiro momento seria de conduzir para uma discussão ampla sobre o tema envolvendo alunos, professores, pais e a comunidade.

A escola facilita a prática do *bullying*, pois reproduz em seu interior os modelos de corpos padronizados pela sociedade, e aqui, ao nos referirmos aos corpos, incluímos a postura, atitudes, falas, vestimentas que o envolvem.

Acreditamos que a escola traz em seu cotidiano, momentos propícios para a exclusão, para o preconceito e conseqüentemente para a prática do *bullying*.

Partindo da necessidade de trabalhar o Bullying na educação física. Cabe ao professor de educação física iniciar estratégias para prevenção deste problema desde a educação infantil, uma vez que “a literatura estrangeira mostra que, quanto mais precoces sejam as intervenções, melhores são os resultados quanto à redução e ao controle de *Bullying* nas escolas” (LOPES E SAAVEDRA, 2003, p.119).

O fato é que a Educação Física também se torna um momento viável para a prática do *bullying* por seus aspectos didáticos e pedagógicos que fazem dela um lugar no qual as crianças ficam mais tempo em contato umas com as outras. A aula de Educação Física permite os contatos corporais e facilita as trocas sociais de modo semelhante ao que ocorre na hora do recreio.

É justamente este contato corporal e estas trocas sociais na escola que facilitam as condições para a ocorrência do *bullying*, pois são nos momentos de proximidade que a “diferença” se manifesta, e essa diferença envolve tanto questões econômicas demonstradas nas vestimentas, nos acessórios, no próprio material escolar, quanto pessoais, na exposição do próprio corpo, de suas habilidades motoras e sociais. (FANTE, 2005).

Na pesquisa realizada nesse estudo constatamos a existência do bullying na Escola Municipal Professor Ulisses Góis, localizada no município de Natal-RN.

O que observamos quando estávamos analisando as respostas desses alunos foi que, geralmente os que praticavam bullying com os seus colegas eram os mesmos que sofriam esse mesmo problema fora da escola. Esses alunos, não compreendiam o que era bullying e nem as consequências de praticá-lo.

Notamos também que entre as meninas, o índice de respostas afirmativas sobre as mesmas sofrerem bullying era maior. Diante de nossa observação inicial podemos relatar que isso se deve não ao fato de as mesmas sofrem mais o bullying do que os meninos, mas sim pelo medo que os meninos tinham de relatar que também sofriam bullying e serem apontados pelos seus colegas ainda com mais veemência.

Outro problema encontrado foi à evasão escolar do 9º ano, onde foi encontrado o maior índice de sofrimento com bullying principalmente ente as meninas. O fato é que a prática do bullying pode estar causando a evasão escolar no 9º ano e esse caso precisa ser estudado, analisado e combatido o mais rápido possível.

Uma vez iniciadas, na educação infantil, estas estratégias de prevenção e de controle ao *Bullying* deverão acompanhar o estudante pelas etapas de ensino fundamental e médio, sendo inseridas como conteúdo específico da disciplina de educação física.

Recomendamos que uma equipe multidisciplinar seja criada no âmbito escolar da instituição pesquisada, para estudar o bullying, causas, consequências, suas multifacetas (tipos), para assim poder ser combatida dentro da escola, livrando assim os ofendidos do sarcasmo, violência e maldade dos seus ofensores. Pois como todos eles têm direito de estudar em uma Instituição normal de ensino aprendendo quais são os seus direitos e deveres, para assim se tornarem cidadãos cômnicos dos seus direitos e deveres perante a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Meninos e meninas:** Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. RJ: Impetus, 1999.

ANTUNES, Deborah Christina & ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Do bullying ao preconceito:** os desafios da barbárie à educação. Psicologia & Sociedade, São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL, **Departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde.** Escola Nacional de Saúde Pública. Fiocruz. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2005.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do Amor:** a contribuição de histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 2008.

FANTE, C. **Fenômeno bullying:** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus editora, 2005.

FERREIRA, A.; PEREIRA, B. **Os materiais lúdicos nos recreios e a prevenção do bullying na escola.** In: B. Pereira, A. P. Pinto (eds), A escola e a criança em risco – intervir para prevenir, São Paulo: Edições ASA, 2001.

FONZI, M. U; **Habitus profissional, currículo oculto e cultura docente:** perspectivas para análise da prática pedagógica dos professores de educação física. Rio de Janeiro: NAU Editora, 1999.

GALLAHUE, A. A. **Bullying:** comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: NAU Editora, 1996.

GOMES, A. **Para uma juventude saudável, sem droga e sem violência:** Programa de intervenção. In: B. Pereira, A. Pinto (eds.), A Escola e a criança em risco – intervir para prevenir. São Paulo: Edições ASA, 2001.

GUIMARÃES, A. **Indisciplina e violência:** a ambigüidade dos conflitos na escola. São Paulo: Cortez, 1996.

HAZLER, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Editora S. A., 1996.

LOPES NETO, Aramis A.; SAAVEDRA, Lúcia Helena. **Diga não para o bullying:** programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

MARQUES, J.F. **Violência e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Graal, 2001.

MARTINS, Maria José. **O problema da violência escolar:** uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosacnaify, 2003.

OLIVEIRA, R.C. **Educação física, escola e cultura:** o enredo das diferenças. São Paulo: Cortez, 2006.

OLWEUS, D. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares.** Madrid: Ediciones Morata, 1993

OLWEUS, D. **The Nature of School Bullying** New York: Routledge, 1999.

ORTEGA. D; MERCHAN. A. **O respeito na sala de aula /** Petrópolis (R.J): Vozes, 1999.

PEREIRA, B. **Infância e Violência no Brasil.** Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

PEREIRA, B; **Os espaços de recreio e a prevenção do bullying na escola.** Lisboa: Edições FMH – Universidade Técnica de Lisboa, 1999.

PIRES, L. B; **Bullying:** o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. Niterói(RJ): Impetus, 2001.

RIBEIRO, J. S. B. **Brincadeiras de meninas e de meninos:** socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. Cadernos Pagu, n. 26. Campinas, jan./jun. 2006.

SANTOS, Cristiane de Oliveira; DAMKE, Anderléia Sotoriva. **A concepção de bullying nas escolas.** Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SMITH, C; SHARP, A. **Bullying, como combatê-lo?** Prevenir e enfrentar a violência entre jovens. São Paulo: Itália Nova editora, 1994.

www.wikipedia.com.br, acessado no dia 08 de fevereiro de 2011.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO ENTREGUE AOS ALUNOS

EVP – Escala de Violência Psicológica

1) Número do Questionário: ● ● ● ●

As afirmações abaixo se referem a algumas experiências ocorridas durante a sua adolescência.

Embora estas afirmações sejam de natureza pessoal, por favor, responda o mais sinceramente possível.

Para cada afirmação, marque com um **X** a resposta que melhor descreve o que você acha que ocorreu nos últimos 12 (doze) meses.

Se você desejar mudar sua resposta, circule a antiga e coloque um **X** na nova escolha.

Nos últimos 12 (doze) meses, alguma pessoa significativa...	Nunca	Raramente	Às Vezes	Quase sempre	Sempre
1. Humilhou você?					
2. Demonstrou falta de interesse por você?					
3. Culpou você por falhas que ele/ela cometeu?					
4. Não te encorajou quando você quis fazer algo por você mesmo (educação, carreira, esportes)?					
5. Disse a você que você não era tão bom quanto as outras pessoas?					
6. Gritou ou berrou com você sem nenhum motivo?					
7. Chamou você de nomes desagradáveis como “doido”, “idiota” ou “burro”?					
8. Forçou você a assumir responsabilidade pela maioria das tarefas domésticas?					
9. Criticou você pelas coisas que você faz e diz?					
10. Criticou você pela sua aparência e pelo modo como você se veste?					
11. Criticou seus amigos?					
12. Não te elogiou quando você achou que tinha feito algo de bom?					
13. Fez piadas sobre você na frente de outras pessoas?					
14. Não acreditou em você (você estava inventando alguma coisa/mentindo)?					
15. Disse a você que você estava errado/a quando você disse ou fez alguma coisa?					
16. Ignorou você quando você procurava carinho?					
17. Humilhou você fazendo piadas sobre seu corpo?					